

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA-UFU

MÁRCIO KLEICY SILVA

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS DOS MORADORES DO BAIRRO
AFONSO PENA E POVOADO DO SARANDI, EM ITUMBIARA,
(GO), A PARTIR DA TRANSIÇÃO DA CADEIA PÚBLICA DA
ZONA URBANA PARA A ZONA RURAL.**

Uberlândia

2014

MÁRCIO KLEICY SILVA

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS DOS MORADORES DO BAIRRO
AFONSO PENA E POVOADO DO SARANDI, EM ITUMBIARA,
(GO), A PARTIR DA TRANSIÇÃO DA CADEIA PÚBLICA DA
ZONA URBANA PARA A ZONA RURAL.**

Dissertação apresentada à banca examinadora do
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal de Uberlândia com requisito
parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Trabalho e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida

Uberlândia

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- S586m Silva, Márcio Kleicy, 1979-
Memórias e narrativas dos moradores do bairro Afonso Pena e povoado do Sarandi, em Itumbiara, (GO), a partir da transição da cadeia pública da zona urbana para a zona rural / Márcio Kleicy Silva. - 2014.
96 f. : il.
- Orientador: Paulo Roberto de Almeida.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.
1. História - Teses. 2. Evolução Social - Teses. 3. Relações Humanas - Teses. 4. Itumbiara (GO) - População - Teses. I. Almeida, Paulo Roberto de. II. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

MÁRCIO KLEICY SILVA

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS DOS MORADORES DO BAIRRO
AFONSO PENA E POVOADO DO SARANDI, EM ITUMBIARA,
(GO), A PARTIR DA TRANSIÇÃO DA CADEIA PÚBLICA DA
ZONA URBANA PARA A ZONA RURAL.**

Professor Dr. Paulo Roberto de Almeida (Orientador)

Professor Dr. Sérgio Paulo Moraes (UFU)

Professor Dr. Renato Jales Silva Júnior (UFMS)

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia com requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Trabalho e Movimentos Sociais.

Uberlândia

2014

“Querida Mãe, tu me ensinaste, desde o princípio, que a verdadeira pureza está dentro do coração onde acolhe teus filhos e todos aqueles que em sua porta pedem morada. O tempo vai passando e com ele vêm os mistérios que a vida nos reserva e, quando as intempéries se aproximam, é na segurança de teus braços que consigo enxergar o horizonte. Mãe, por viver e compartilhar comigo este sonho que agora torna-se realidade, o que eu posso te desejar não se aproxima daquilo que me deu e me apoiou ao longo dessa jornada. Então, em minha humildade, quero dedicar essa conquista a você expressando meu amor, carinho, respeito e admiração. Te amo.”

À minha Filha Anna Clara, razão do meu viver e alegria dos meus dias, papai te ama muito, essa vitória também é tua.

À minha avó Maria Vaz (*In Memoriam*) que tanto amei e a quem devo tanto de minha formação moral.

À minha esposa Lucilene Cândida, você sempre esteve comigo nos momentos bons e ruins, apoiando-me e incentivando-me. Esta conquista também é sua.

AGRADECIMENTOS

Os que confiam no Senhor são como os montes de Sião que não se abalam, mas permanecem para sempre (Sl. 125). Durante o percurso até aqui, angústia, solidão, tristeza foram normal, mas Deus sempre esteve comigo me dando forças para continuar a caminhada, e agora, no momento de realização, de conclusão deste sonho, quero primeiramente agradecer a Ele por sempre ter estado comigo durante esta caminhada.

De forma especial, quero agradecer à minha família. À minha mãe Maria José Paulino da Silva pelo amor incondicional. Um dia, José Maria Alckmin, amigo de infância de Juscelino Kubitschek, indagou-lhe: “Juscelino, você está doido? Como vai concluir tudo isso em 05 anos? (referindo-se ao plano de metas)” Juscelino respondeu: “Se eu não fosse doido não teria chegado até aqui.” Você se lembra, Mãe, que um dia eu fui chamado de doido e que a senhora era outra doida que ia atrás das minhas loucuras? Não era loucura, Mãe, vencemos e esta vitória é sua. Se não acreditássemos ousando atrás do impossível não teríamos vencido. Obrigado, Mãe, por tudo, te amo muito.

Ao meu pai José Paulino da Silva (*In Memoriam*) meu sonho era que estivéssemos juntos hoje tocando violão e comemorando, mas os desígnios de Deus não são os desígnios dos homens. Você me ensinou a ser homem, a ser forte, a buscar os objetivos da vida com determinação, seu exemplo me dá forças para lutar por todos meus objetivos. Se hoje sou o que sou você é um dos grandes responsáveis. Esteja onde estiver, tenha a certeza, te amo muito. Quanta falta você me faz!

Quero agradecer também à minha irmã, Flavianny Silva, como nos amamos, como nos queremos bem. Você um dia disse: “Vai firme, meu irmão, você vai longe e vai nos dar muito orgulho”, hoje sei que esta conquista foi também em função de suas orações e torcida. Obrigado, você é, e sempre será, minha melhor amiga. Agradeço também a meu cunhado Rondinele Martins Lopes por um dia ter me dito: “Tem que tentar que vai dar certo”. Junto com Felipe Gabriel e Jose David (Futriquinha) formam uma linda família.

À minha filha Anna Clara Kleicy Silva, você é o maior presente que ganhei de Deus, sua presença é sinônimo de alegria, afeto, amor, carinho. Sempre estarei ao seu lado, amada filha, e nos momentos mais difíceis olhava para seu rostinho lindo e me sentia reanimado para prosseguir esta caminhada. Como papai sempre te disse: Te amo até passar do céu.

À minha amada avó Maria Vaz, sustentáculo de toda uma geração, criando toda minha família pelo lado maternal. Para lembrar a colocação de meu primo Tarley: “Falar de minha avó é falar desde o ontem, é desde uma vida inteira, vida que passou dos noventa anos.” Se não fosse você eu não teria tido a mãe maravilhosa que tenho. Sua imagem resplandecia força, fibra, seu exemplo é combustível de generosidade e amor. Sempre estará presente em nosso meio nos guiando.

À minha amada esposa Lucilene Cândida, sou profundamente grato por estar ao meu lado nos momentos mais difíceis deste trabalho, sua presença em minha vida, meu amor, me faz mais forte, me faz querer ir mais além.

Aos meus tios João Silvério e Odete Hissae, pelo apoio, incentivo, por me fazer acreditar que a Educação era meu caminho. Tantas vezes me ligaram chamando a atenção, cobrando determinação e perseverança, hoje vejo que tudo que disseram valeu a pena. Obrigado por tudo.

Agradeço a todos os professores da linha de pesquisa “Trabalho e Movimentos Sociais”, em especial aqueles que eu tive nas disciplinas que cursei Josianne Cerasoli, Regina Ilka, Marta Emísia e Deivy Carneiro, muito obrigado pelo conhecimento passado, pela paciência e por auxiliar-me a abrir o posicionamento intelectual.

Ao meu professor orientador Paulo Almeida por ter sido sempre prestativo, por ter tido paciência com minhas inquietações e limitações. Agradeço por ter sido tão importante em minha vida acadêmica abrindo as possibilidades de uma formação mais humana. Obrigado pela amizade que construímos ao longo desses anos, o aprendizado que obtive contigo servirá pela vida toda.

À banca examinadora de meu trabalho Prof. Renato Jales e Prof. Sérgio Paulo, obrigado pela contribuição e por entender minhas limitações.

Sair do interior de Goiás, de Buriti Alegre, uma cidadezinha de 10.000 habitantes, e de repente, deparar com uma nova formação, uma nova vida, foi uma decisão cheia de dúvidas e incertezas, mas a superação dessas angústias tem o dedo de um grande amigo: o Prof. Júlio César Meira, o primeiro a acreditar neste trabalho. Diante das incertezas quanto ao meu futuro acadêmico, você me fez acreditar que tudo isso era possível, que eu deveria ir mais longe, que viver vale a pena e acreditar nos sonhos é o começo do sucesso. Meu eterno agradecimento.

Aos amigos da linha de pesquisa “Trabalho e Movimentos Sociais”, com os quais convivi durante esse período, obrigado por tudo que compartilhamos. Em especial, quero agradecer ao Ms. Auricharme Cardoso, grande amigo não apenas nos momentos de discussão acadêmica, mas nas adversidades que tivemos ao longo dessa caminhada. Obrigado pela amizade.

Agradeço também aos amigos Kaio Costa e Gilberto Bragança da república Ouro Fino em Uberlândia, que tanto me apoiaram com hospedagem, alimentação e momentos de descontração. Meu eterno carinho e admiração.

Queria neste momento externar meu agradecimento muito especial ao amigo Gabriel Oliveira, durante a caminhada passei por tantas dificuldades em minha vida pessoal e em todas você se mostrou pronto a me ajudar, inclusive oferecendo sua casa para me abrigar. Hoje olho pra trás e vejo o quanto você foi importante. Valeu por tudo.

Ao amigo Yanglely Marinho que teve a paciência de ler meu trabalho, sentar comigo e fazer ponderações pontuais tão importantes. Obrigado por tudo.

Quero externar meu respeito e carinho aos moradores do Sarandi e do Bairro Afonso Pena, que contribuíram com suas trajetórias, lutas e experiências através das narrativas, espero que eu tenha contribuído para uma melhor compreensão de suas realidades sociais.

Ao final desta jornada, paira o sentimento de que mais uma etapa se cumpriu e que muitas ainda estão por vir, peço a Deus que continue me iluminando e me dando forças diante das etapas que ainda terei que percorrer nesta vida.

RESUMO

Este trabalho propõe-se a estudar as transformações sociais ocorridas no Bairro Afonso Pena e Povoado do Sarandi a partir da transição da Cadeia Pública da zona urbana para a zona rural. Sob esse prisma, analisaremos um conjunto de medidas que acabaram modificando as relações de sociabilidade que foram reconstruídas e reconfiguradas a partir das transformações urbanas ocorridas em Itumbiara na última década.

Desse modo procurei estabelecer uma abordagem que não isolasse os sujeitos, atores principais desse processo, mas busquei evidenciar como, na relação mantida com esses grupos sociais, foi possível rever interesses, valores e, assim, demonstrar a forma de viver na cidade a partir de relações sociais específicas. Nesse aspecto a movimentação dos sujeitos colabora para que a cidade se construa e conseqüentemente se constitua. Busquei através das fontes, jornais, imagens, problematizar como se consolidou o projeto de retirada da cadeia pública do espaço urbano e, principalmente, como o povoado do Sarandi absorveu a ideia e a forma pela qual ela foi posta em prática. Será sintetizada a pertinência dos textos sugeridos para leitura e estudo a respeito das categorias que conferem legitimidade às questões sociais, e que se apresentam como tema central à compreensão da finalidade atribuída a este trabalho.

Palavras Chave: Cidade, Transformação Social, População Urbana e Rural.

ABSTRACT

This paper proposes to study the social changes in the neighborhood and town of Alfonso Pena Sarandi from the transition from public jail urban area to the rural area. From this viewpoint, we analyze a set of measures that eventually transformed the relations of sociability that were rebuilt and reconfigured from Itumbiara urban transformations in the past decade.

Thus sought to establish an approach that does not isolate the subject, the main actors of this process, but have sought to show how, in the relationship maintained with these social groups, it was possible to revise interests, values, and thus demonstrate how to live in the city from specific social relations. In this respect the movement of the subject cooperates for the city to be built and thus is constituted. I searched through the sources, newspapers, pictures, discuss how the design of consolidated retirement from public chain of urban space, and especially as the village of Sarandi absorbed the idea and the way it was implemented. The relevance of the suggested texts for reading and studying about the categories that confer legitimacy on social issues, and presenting themselves as central theme of understanding of the goals assigned to this work will be summarized.

Key Words: City, Social Transformation, Urban and Rural Population.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
-------------------	----

CAPÍTULO I

UM TERRITÓRIO, DIVERSAS MEMÓRIAS: Memórias e Narrativas dos Moradores do Bairro Afonso Pena sobre a retirada da Cadeia Pública do Espaço Urbano.....	22
--	----

CAPÍTULO II

UMA VIDA, UMA HISTÓRIA: Narrativas dos Moradores do Povoado do Sarandi a partir da chegada do Presídio Regional.....	46
--	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
---------------------------	----

FONTES.....	92
-------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95
---------------------------------	----

APRESENTAÇÃO

A discussão que pretendo desenvolver neste trabalho tem como objetivo principal perceber as transformações sociais no Bairro Afonso Pena, parte do perímetro do Setor Central e povoado do Sarandi, na cidade de Itumbiara, (GO), a partir das mudanças ocorridas em decorrência da retirada da Cadeia Pública da zona urbana para a zona rural. A opção por trabalhar essa temática foi se desenvolvendo ao longo da própria pesquisa, pois, no decurso das entrevistas, e conversando com a população, tanto da área urbana quanto da área rural, foi possível observar que ocorreram modificações significativas na vida social da população e a partir destas procurei definir o campo de análise e pesquisa.

Na minha percepção, vejo que a movimentação desses sujeitos promove uma transformação social, alterando territórios, valores, identificações que vão formando uma cidade até certo ponto tensa e contraditória. Percebo, através da pesquisa, que a cidade tomou contornos diferentes em razão de alguns movimentos que acabaram por aglutinar homens e mulheres que foram descortinando suas vidas, trilhando caminhos como sujeitos históricos participantes de uma luta diária.

Uma preocupação constante em minhas abordagens foi buscar compreender como a sociedade analisa as mudanças ocorridas a partir da retirada da cadeia pública do perímetro urbano, haja vista, que a antiga cadeia pública abrigava apenas detentos de Itumbiara e, com o novo prédio na zona rural, houve a regionalização, onde presos das cidades circunvizinhas também começaram a cumprir pena. Qual foi a posição da população do povoado do Sarandi com relação à chegada do presídio? Como a população urbana absorveu as modificações no perímetro? Essas são questões principais que nortearão este trabalho.

A permanência, o trabalho, moradia e a vida das pessoas na cidade de Itumbiara e no povoado do Sarandi, são questões presentes em minhas abordagens, procurando não isolar grupos sociais específicos, mas sim, analisando aquilo que seria a vida dos sujeitos dentro da cidade, buscando pensar nas relações que se mantiveram em decorrência das transformações

urbanas entrelaçadas entre os diversos sujeitos sociais que vão dando formas a espaços urbanos compartilhados em desigualdades de condições.

São diversos os discursos e percepções acerca das mudanças ocorridas na cidade de Itumbiara na última década, conduzidas de forma a satisfazer parte de um projeto político. No que se refere a essas mudanças, nota-se que não existe um consenso entre as diversas pessoas entrevistadas, para alguns as transformações foram benéficas, outros, porém, mostram-se indiferentes ao problema.

Pensar as transformações sociais ocorridas no bairro situado na zona urbana e no povoado do Sarandi, significa valorizar a potencialidade do sujeito. As pesquisas no campo das ciências humanas têm se multiplicado na contemporaneidade. Seja pela sua potencialidade analítica, seja pelos modos instigantes de operar nos espaços investigativos de nossos tempos, a produção do conhecimento social perpassa por uma luta de classe definida de forma consciente por aqueles que fazem parte de qualquer sociedade. De acordo com Heloisa Helena Cardoso¹, a história social é um campo de estudo que se ocupa dos processos de constituição/alteração da sociedade sendo que o eixo das preocupações são as pessoas que buscam seus espaços na dinâmica social em que vivem e dela reinterpretem seu passado.

A maneira pela qual se conduz este estudo merece algumas observações: o leitor encontrará a apresentação e organização de fatos, documentos, entrevistas com moradores de Itumbiara, que leve a perceber e a formular um conhecimento transmitido pelos fenômenos sociais.

A vida dos moradores de Itumbiara e do povoado do Sarandi, os simbolismos e regras, constituíram as fontes para a interpretação de um processo histórico em permanente construção, que se constitui tanto no espaço urbano quanto no rural, terreno fértil para a análise de diferentes lutas. No trecho a seguir, Yara Khoury sugere que na produção do conhecimento histórico o historiador recorra a fontes diversificadas e, principalmente, lance sobre as mesmas um novo olhar:

¹ CARDOSO, Heloisa Helena. Trabalhadores e Movimentos Sociais: debates na produção contemporânea. In: Trabalho e Trabalhadores na contemporaneidade: Diálogos Historiográficos. Cascavel: Edunioeste, 2011, p. 102.

Buscando apreender os significados mais profundos das relações sociais, e da mudança histórica, compreendendo e incorporando a diversidade de perspectivas e pontos de vista, como possibilidades alternativas colocadas no social, procuramos dar uma explicação densa dos fatos e trabalhá-los acima de qualquer compartimentação. Para isso não só recorremos a uma gama bastante diversificada de fontes, como lançamos um novo olhar sobre elas. Nós as pensamos em sua própria historicidade, como expressões de relações sociais, assim como elementos constitutivos dessas relações. Escolhê-las e analisá-las implica identificá-las e compreendê-las, no contexto social em que se engendram e, igualmente, dentro de nossas perspectivas de investigação. Nesse sentido, mais do que buscar dados e informações nas fontes, nós as observamos como práticas e/ou expressões de práticas sociais através das quais os sujeitos se constituem historicamente².

Na perspectiva de compreensão das transformações sociais, as narrativas orais foram fundamentais, pois elas propiciam compreender uma realidade dentro do processo social vividas de forma intensa por uma população que, na maioria dos casos, foi esquecida, que não tiveram sequer oportunidade de relatar suas histórias, suas lutas. A maioria dos entrevistados mostra um grau de formação intelectual muito baixo, este fato não corrobora para a existência de escritos sobre suas realidades mesmo os veículos de comunicação escritos ainda subordinarem-se a interesses da classe dominante.

Para que a pesquisa se desenvolvesse de forma a atingir os objetivos propostos no campo metodológico foi necessário buscar uma interação com os sujeitos. Procurei estar ativamente com eles dentro da perspectiva de suas vidas, fiquei durante semanas no bairro da zona urbana e também no povoado da zona rural, o que possibilitou vivenciar, em igualdade de condições, a realidade na qual são inseridos. Esse procedimento, segundo Portelli, é definido como “experimento de igualdade”.

O Campo de trabalho é significativo como o encontro de dois sujeitos, que se reconhecem entre si como sujeitos, e conseqüentemente isolados, e tentam construir sua igualdade sobre suas diferenças de maneira a trabalharem juntos³.

² KHOURY, Yara Aun et al. Narrativas orais na investigação da história social. *Projeto História*, São Paulo. Nº. 22, 2001. p. 81. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10731/7963>. Acesso em: set. 2013.

³ PORTELLI, Alessandro. Forma e Significado na História Oral: A Pesquisa como um experimento em igualdade. In: *Revista Projeto História: PUC-SP*. São Paulo, nº 14, 1997, p. 23. In: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11231/8239>. Acesso em: março. 2014.

Os relatos orais traduzem memórias e sentimentos de pessoas reais, condições estas que fomentam a forma pela qual se analisa a própria condição diante da sociedade. Ainda segundo Portelli:

A história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. A dificuldade para organizar estas possibilidades em esquemas compreensíveis e rigorosos indica que, a todo momento, na mente das pessoas se apresentam diferentes destinos possíveis. Qualquer sujeito percebe estas possibilidades à sua maneira, e se orienta de modo diferente em relação a elas. Mas esta miríade de diferenças individuais nada mais faz do que lembrar-nos que a sociedade não é uma rede geometricamente uniforme como nos é representada nas necessárias abstrações das ciências sociais, parecendo-se mais com um mosaico, um *patchwork*, em que cada fragmento (cada pessoa) é diferente dos outros, mesmo tendo muitas coisas em comum com eles, buscando tanto a própria semelhança como a própria diferença. É uma representação do real mais difícil de gerir, porém parece-me ainda muito mais coerente, não só com o reconhecimento da subjetividade, mas também com a realidade objetiva dos fatos⁴.

As tratativas orais tornaram-se o caminho principal para se analisar a vida e história dos sujeitos, nesse sentido os entrevistados foram relembando e avaliando suas trajetórias, não apenas pelo que viviam no presente, mas também traduzindo aquilo que estava na memória e se tornava possibilidades compartilhadas. Procurei trabalhar com as fontes não com uma perspectiva pronta para se chegar a uma verdade histórica, mas trazendo-as como caminho para problematizar as transformações sociais que estavam sendo construídas tanto na zona urbana quanto na zona rural a partir da transição da cadeia pública.

Embora inicialmente a intenção desta pesquisa era trabalhar a movimentação em torno da sociedade prisional especificamente, seus modos e realizações sociais, percebi ao longo do trabalho que foram surgindo novas perspectivas que se construíram e tornaram-se terreno fértil para problematização da ação dos sujeitos. Através das experiências de cada morador, tanto do bairro urbano quanto do povoado na zona rural, foram surgindo novas formas de entender a sociedade, não como questões direcionadas em questionar os poderes políticos hegemônicos locais, mas

⁴ PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 8-9, dez./1996. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-3.pdf>. Acesso em: set. 2013.

como possibilidade de análise histórica, como os sujeitos vivem, interpretam e se constituem em uma luta diária, imposta pela modernidade e racionalidade capitalista.

As entrevistas foram fundamentais nesse momento da pesquisa, a análise a partir das tratativas orais torna-se o ponto de partida para compreensão da realidade, como sugere Yara Khoury:

Abordando a história como um processo construído pelos próprios homens, de maneira compartilhada, complexa, ambígua e contraditória, o sujeito histórico não é pensado como uma abstração, ou como um conceito, mas como pessoas vivas, que se fazem histórica e culturalmente, num processo em que as dimensões individual e social são e estão intrinsecamente imbricadas. Esses sujeitos são moradores da cidade, pequenos agricultores do campo, artesãos, pescadores, trabalhadores assalariados, grupos de imigrantes, de mulheres, de jovens, velhos ou crianças, membros de movimentos específicos, vivendo experiências de trabalho, construindo modos de viver e de se organizar, ou sobrevivendo em becos e ruas, com bagagens culturais diferentes, com perspectivas futuras diversificadas, enfrentando, ou não, processos de exclusão, marginalização e segregação social.

Nessa perspectiva, a cultura não é pensada como curiosidade ou um exotismo, mas enraizada na realidade social, impregnada de um sentido intenso, por meio da qual as pessoas se expressam, reagem, exercendo, ou não, suas possibilidades criativas, forjando os processos de mudança social⁵.

À medida que as entrevistas foram sendo analisadas iniciava-se o que se chama campo das possibilidades, isso é possível a partir do momento que os sujeitos vão relembando e avaliando suas trajetórias, não apenas com uma atenção massiva do presente, mas também daquilo que lhes acontecera no passado. Desse modo as narrativas tornaram-se o caminho principal para problematizar as transformações sociais que ocorriam tanto na zona urbana quanto na zona rural.

Desde o início a preocupação principal desse trabalho, no trato com as fontes orais, foi procurar escolher os sujeitos com a capacidade de promover um diálogo voltado à composição do desenvolvimento social ocorrido na cidade através da retirada da cadeia pública. Algumas estratégias foram mudadas ao longo do desenvolvimento da pesquisa, foi necessário deixar de lado algumas narrativas em detrimento da mudança de perspectiva que se construiu. Sendo

⁵ KHOURY, Yara Aun et al. Narrativas orais na investigação da história social. *Projeto História*, São Paulo. Nº. 22, Jun/2001, p. 80. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10731/7963>. Acesso em set. 2013.

assim, procurei manter o diálogo com os moradores buscando entender a forma pela qual a cidade se construiu alterando as relações de sociabilidade.

Para buscar selecionar os sujeitos a serem entrevistados, procurei saber quem eram os moradores mais antigos, com isso foi necessário que eu fizesse um trabalho sistemático de triagem dentro do Bairro Afonso Pena e do povoado do Sarandi, sendo assim muitos relatos foram direcionados no sentido de passar através da narrativa não apenas a questão da transformação social ocorrida pela transição da cadeia, mas também o sentido de pertencimento que cada sujeito tem com o local onde mora.

Com relação ao bairro Afonso Pena, preocupei-me em procurar os moradores próximos à antiga cadeia pública, nesse sentido consegui chegar até o Sr. Douglas Fabiano Cintra, Sr. Carlos Roberto de Oliveira e Sr. Evaldo de Souza Leles, ambos moram no bairro Afonso Pena a mais de 40 anos, representam a memória viva do Bairro e acompanharam praticamente todas as transformações ocorridas no perímetro.

O senhor Carlos Roberto de Oliveira mudou para o Bairro Afonso Pena no ano de 1971, quando tinha dez anos, sua casa fica de frente o local onde era abrigada a antiga cadeia pública. Sua colaboração através das narrativas foi importante pela consciência com que retrata o período em que a cadeia estava presente no bairro. Ele comunga da ideia de que a presença da cadeia inibia a prática do crime no bairro e que após a retirada algumas questões sociais foram modificadas, pois, não se tinha mais a presença da polícia militar constantemente no bairro o que abria brechas para as ações dos criminosos.

O senhor Evaldo de Souza Leles mora a mais de 40 anos no bairro Afonso Pena, em sua entrevista procurou destacar sempre o momento de sua infância, em que jogava futebol no pátio da cadeia, deixou claro que cresceu no bairro com tranquilidade e que a mudança para ele foi em função da precariedade do prédio.

Douglas Fabiano Cintra Ribeiro mora do bairro desde 1969, época essa em que a cadeia era comandada pelo então Tenente Eleotério, quando ele mudou para o Bairro Afonso Pena não existia asfalto, saneamento básico, e o bairro abrigava poucas casas. Ele é representante comercial autônomo e sua entrevista foi pertinente pelo fato de ser ligado à política local e ter presenciado

a retirada da cadeia da zona urbana de perto, pois, sua casa situa-se ao lado do antigo prédio.

Fui até o quartel da polícia militar local no sentido de colher informações sobre a época em que a cadeia localizava-se na zona urbana e consegui chegar até o Subtenente Sr. Ronigalbas um dos militares mais antigos da cidade de Itumbiara, e que trabalhou 10 anos na cadeia municipal quando a mesma era situada na cidade. Ele praticamente acompanhou o processo de transição da cadeia auxiliando no comando interno como responsável pela carceragem. Suas informações foram fundamentais para compreender a forma pela qual foi conduzida a transferência para o novo prédio no povoado do Sarandi, haja vista que presenciou todas as etapas desde a negociação com a Secretaria Estadual de Segurança Pública até o traslado dos presos para o povoado.

Outro relato importante foi do Sr. Nilson Freire, historiador, atuou na administração municipal diretamente como Secretário no governo do ex-prefeito Zé Gomes. Através de seus relatos pôde-se perceber a ação do poder público municipal à época da demolição da cadeia.

No Sarandi procurei tomar o máximo de cuidado com a aproximação inicial, era preciso estabelecer uma relação de confiança, embora eu conhecesse a família de Dona Maria Francisca e do Sr. João Batista, era preciso conversar com mais moradores do povoado para não formular uma relação superficial da chegada do presídio no povoado. Analisando desse modo, Alessandro Portelli observa que:

[...] historiadores que trabalham com história oral estão cada vez mais cientes de que é um discurso dialógico, criado não somente pelo que os entrevistados dizem, mas também pelo que nós fazemos como historiadores – por nossa presença no campo e por nossa apresentação do material. A expressão “história oral”, [...] refere-se simultaneamente ao que os historiadores ouvem (as fontes orais) e ao que dizem ou escrevem. [...] remete ao que a fonte e o historiador fazem juntos no momento de seu encontro na entrevista.⁶

Assim, procurei deixar os entrevistados à vontade para relatar aquilo que seria sua vida, sua memória, sua trajetória dentro do povoado, apesar de algumas questões terem sido construídas previamente por mim, procurei dar

⁶ PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. *Projeto História*, São Paulo, n. 22, p. 9-36, jun./2001.

sustentação às entrevistas deixando os sujeitos o mais próximo possível de sua realidade não me pautando em procedimentos teóricos.

No povoado tive muitas conversas informais com vários moradores, e através dessas foi possível estabelecer níveis de compreensão da realidade a partir do que me era referendado nas entrevistas. Todavia, realizei entrevistas gravadas com apenas cinco moradores: o casal João Batista e Maria Francisca, o Senhor Marcos (dono da única mercearia do povoado); Márcio Ferreira de Sousa e Carlos Batista da Silva.

João Batista da Silva tem 58 anos é morador do povoado há quinze anos, convive diariamente com a realidade local, comercializa com os moradores os produtos retirados de uma horta que cultiva no fundo de sua casa, o que implica em uma convivência direta com praticamente todos moradores. Foi escolhido nas entrevistas por conhecer a realidade local há bastante tempo, inclusive tendo participado ativamente do processo de melhoria do povoado ocorrido no final de 2008 concluído em 2009 e que tinha a finalidade de preparar a comunidade para a chegada do presídio.

Maria Francisca tem 56 anos, esposa do Sr. João Batista, vive há quinze anos no povoado, casaram-se e foram morar no Sarandi. Na ausência do marido, ela trabalha vendendo algumas galinhas, ovos, porcos, como o marido mantém relação direta praticamente com todos os moradores do povoado, embora não possua um grau de escolaridade consegue transmitir claramente a forma pela qual as relações de sociabilidade foram alteradas.

Marcos tem 48 anos, antes de se estabelecer no Sarandi morava em uma fazenda próxima ao povoado e vivia de vender hortaliça junto com irmão, posteriormente tentou um comércio de bebidas em Itumbiara, (GO), que acabou não dando certo, e no ano de 2001 mudou-se definitivamente para o Sarandi abrindo a mercearia que, segundo o mesmo, com a chegada do presídio aumentou significativamente o fluxo de vendas.

Ainda com relação às fontes utilizei o periódico *Folha de Notícias*, esse jornal é veiculado diariamente na cidade e retrata praticamente todos os fatos notáveis da cidade de Itumbiara, (GO), tanto do lado social quanto do lado político. Esse jornal existe a mais de vinte anos e colaborou por mostrar todos os momentos de tensão vividos à época da transição. Os exemplares

escolhidos retrataram as negociações feitas pelo Ministério Público, Secretaria Estadual de Segurança Pública, e Poder Executivo Municipal em torno do projeto de transferência da cadeia pública para o povoado do Sarandi. Nas últimas décadas praticamente todos os fatos relativos à cidade de Itumbiara são noticiados pelo periódico.

Em busca de uma melhor compreensão da realidade de mudanças que ocorreram no Bairro Afonso Pena e no Povoado do Sarandi, procurei delimitar um espaço temporal que se constitui de 2008 até 2013, ano em que ocorreu a maioria das entrevistas. Procurei iniciar esta pesquisa com algumas evidências trazidas a partir de 2008, ano em que a população do Povoado começou a sofrer grandes mudanças em decorrência da chegada do presídio. A realidade social da comunidade era precária, com ausência de asfalto, e outros fatores relacionados a saneamento básico, e a partir do momento que começam as melhorias as transformações merecem destaque por parte dos moradores onde todos afirmam ter sido benéfico mesmo com a chegada do presídio. Essas questões serão destacadas no segundo capítulo.

Neste momento, remeto-me a uma das discussões com um historiador que trabalhou com a movimentação dos sujeitos dentro da sociedade de Itumbiara, Yanglely Adriano Marinho⁷, desenvolvendo uma reflexão sobre trabalho, valores e constituição de territorialidade a partir das narrativas dos trabalhadores negros. A leitura desse trabalho auxiliou-me na reflexão de abordagens, evidências e alguns conceitos, traduzindo a pesquisa mais dentro da linha Trabalho e Movimentos Sociais, pela qual propus desenvolver esta pesquisa. E segundo os objetivos da linha:

[...] recuperar a experiência histórica de diversos sujeitos sociais em seus múltiplos e diversificados aspectos, entendendo como as pessoas constroem seus espaços e territórios, deixando neles suas marcas; discutir as variadas experiências dos trabalhadores analisando o seu *fazer-se* enquanto classe em seus múltiplos sentidos e práticas; refletir sobre o significado das práticas sociais diferenciadas que estão no campo das vivências, bem como no dos valores e dos interesses, a fim de entender o social como um lugar de tensões; são objetivos que compõem o universo de nossas preocupações maiores. Esses objetivos foram delineados e atrelados ao que consideramos como compromissos sociais e políticos do

⁷ MARINHO, Yanglely Adriano, 1982- “É uma experiência dos pobres...”: trajetórias de trabalhadores negros na cidade de Itumbiara-GO (1980-2010) / Yanglely Adriano Marinho. - Uberlândia, 2011.

historiador e às formas como eles expressam maneiras de entender e fazer história.⁸

A partir dessas considerações, este trabalho está estruturado em dois capítulos, sendo que, no primeiro capítulo, é observada a forma pela qual a sociedade de Itumbiara convive com a crescente expansão urbana que trouxe consigo o aumento da criminalidade, buscando uma relação com a realidade do bairro Afonso Pena, onde situava-se a antiga cadeia pública. No segundo capítulo, foram analisadas as transformações ocorridas no povoado do Sarandi, como a população absorveu a presença do Presídio Regional.

Por fim, a consideração maior é a preocupação com o indivíduo enquanto sujeito histórico, o comportamento, mas há de se esperar que o conhecimento adquirido através das fontes envolvam o indivíduo no contexto social, dentro do qual ocorre diversos comportamentos, como diz Yara Khoury, somos todos um amálgama de muitas experiências, e o que narramos traz essas dimensões da vida social vivida, nem todas pertinentes ao que buscamos destacar em cada estudo. Nós mesmos explicamos o sentido de um trecho no conjunto da narrativa e o fazemos dentro de todo o processo de diálogo no âmbito mais amplo da problemática em avaliação. Incorporamos, quando necessário e adequado, os modos como o diálogo foi ocorrendo sobre a problemática em reflexão⁹. É necessário trazer à tona a visibilidade com que a pesquisa é vivida e interpretada, seu sentido único será capaz de apontar alternativas formulando significados sociais e culturais. As narrativas orais serão o caminho pelo qual esses elementos serão explorados.

⁸ CALVO, Célia Rocha; CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco; ALMEIDA, Paulo Roberto de. **Trabalho e Movimentos Sociais: histórias, memórias e produção historiográfica**. In: CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco; MACHADO, Maria Clara Tomaz. (Orgs.). Uberlândia: EDUFU, 2005, p. 13.

⁹ KHOURY, Yara Aun. Muitas Memórias, Outras Histórias: Cultura e o Sujeito na História. In: FENELON, Déa.; MACIEL, Laura Antunes.; ALMEIDA, Paulo Roberto; KHOURY, Yara. Aun. (orgs.). MUITAS MEMÓRIAS, OUTRAS HISTÓRIAS. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

CAPÍTULO I

UM TERRITÓRIO, DIVERSAS MEMÓRIAS: NARRATIVA DOS MORADORES DO BAIRRO AFONSO PENA SOBRE A RETIRADA DA CADEIA PÚBLICA DO ESPAÇO URBANO.

Itumbiara está localizada no sul do estado de Goiás, situada a 204 km de Goiânia, (GO), com economia forte, comércio em expansão, crescimento populacional acelerado são fatores de destaque nos noticiários locais. Porém a cidade nas ultimas duas décadas tem presenciado grandes transformações no espaço urbano, sendo que uma das principais será destacada ao longo desse primeiro capítulo.

O que pretendo discutir inicialmente são as transformações ocorridas no Bairro Afonso Pena a partir da transição da cadeia pública para o presídio regional situado no povoado de Sarandi, como ocorreu uma interação dos sujeitos a partir de suas diversas visões de transformação social, tensionando diferentes perspectivas, pelas quais homens e mulheres constroem suas particularidades a partir da cidade de Itumbiara, (GO). Em toda pesquisa histórica devemos estar constantemente situados a partir de um lugar social, e este traduz sentimentos, histórias dos agentes envolvidos em sua ação.

Como outras tantas cidades do estado, Itumbiara apresenta um cenário urbano totalmente indefinido para os padrões atuais, com um trânsito caótico, sem plano diretor definido e sem qualquer tipo de planejamento urbano sustentável. Embora a urbanização tenha se mostrado um fenômeno presente, o desequilíbrio nos vários bairros, pela consequente expansão imobiliária desordenada, em que os setores primários são privilegiados enquanto os secundários ficam sucumbidos ao interesse público, acabou sendo um dos graves problemas em alguns perímetros. E sob esse prisma, uma das transformações de destaque deu-se no Bairro Afonso Pena, onde a Cadeia Pública foi transferida para a zona rural dando lugar à sede do SESC (Serviço Social do Comércio).

A regionalização do presídio era uma ideia antiga, a Lei de desapropriação do terreno foi aprovada no ano de 2001¹⁰ e a construção demorou aproximadamente quatro anos, pois, mesmo com a aprovação da Lei, não foi iniciada de imediato¹¹.

Durante os anos em que esteve à frente da prefeitura municipal, o ex-prefeito Zé Gomes da Rocha implementou um discurso desenvolvimentista, e, dentro dessas mudanças, estava a conclusão do Presídio Regional para que se retirasse a cadeia pública do perímetro urbano. Constantemente, eram divulgadas, através da imprensa e pelo rádio, a chegada de obras na cidade e, todos os dias, circulava em algum tipo de veículo de comunicação modificações urbanísticas. Segundo ex-servidor da prefeitura municipal, a cadeia já tinha que ter sido transferida antes, pois estava em estado deplorável.

MÁRCIO: Nilson, na época você era Secretário de Administração e participou de todo processo de transferência e demolição da cadeia, como isso foi discutido e aprovado pelo poder público municipal?

NILSON: Márcio, a transferência já era um projeto antigo, não foi executado porque o prefeito anterior não esquentou muito a cabeça com a realidade do bairro e nem com toda a população urbana de Itumbiara, (GO). O Zé era muito vaidoso, você deve ter acompanhado isso, ele não iria querer deixar aquele prédio feio ali naquele lugar, ainda mais com o tanto de coisa que ele tava fazendo na cidade.

MÁRCIO: Você participou ativamente desses projetos?

NILSON: No primeiro mandato dele, período em que se deu a transferência da cadeia, participei praticamente de todos. Fui Secretário de Administração, Finanças e depois assumi a saúde, mas o Zé queria fazer obras na cidade, e na cadeia ele teve mais dificuldade, porque ele teve que preparar o Sarandi, porque o povo de lá não queria que levasse o presídio pra lá. Um povo acostumado com sossego, achou que estaria levando um problema pra lá.

MÁRCIO: E como vocês contornaram a situação na época?

NILSON: Olha, o povoado do Sarandi não tinha asfalto, faltava muita infraestrutura, fizemos o necessário para que a população aceitasse a ideia e não saísse prejudicada, e também tinha o problema da família dos presos que agora passariam a frequentar o povoado. Na cidade, eles tinham recursos, era tudo mais fácil, chegava rápido na cadeia, para não criar mais resistência era necessário dar o mínimo de condições para que tanto a população do povoado, quanto a comunidade carcerária tivesse tranquilidade. Não foi difícil. Não

¹⁰Lei Municipal nº2.598/001.

¹¹ As obras deram início na gestão do então prefeito Luiz Moura (2001/2004) em parceria com o governo estadual, porém devido a irregularidades em sua administração não chegou sequer a terminar o mandato, tendo sido substituído pelo presidente da Câmara Municipal. Nessa época, todas as obras foram paralisadas para fiscalização. Após o pleito eleitoral de 2004 o Sr. José Gomes da Rocha (2005/2012) iniciou o que seria o primeiro de seus oito anos à frente da Prefeitura Municipal. Retomou as obras, dentre as quais se incluía o Presídio Regional no povoado do Sarandi, que veio a ser entregue no final do ano de 2008, porém a mudança ocorreria apenas em 2009. FONTE: DECOM (Departamento de Comunicação da Prefeitura Municipal de Itumbiara, (GO)).

usamos de imposição, apresentamos o projeto para a Polícia Civil, Secretaria Estadual de Segurança Pública e Ministério Público, a cadeia não tinha mais condição alguma de sustentar a quantidade de presos que lá estavam. A situação era crítica e comprometia toda população. No Sarandi, é mais tranquilo, porque o Presídio ficou afastado da cidade e os presos não atrapalham a vida do povo que vive no povoado. Agora, depois que deixei o governo, fiquei sabendo que existem obras por terminar no Sarandi, mas não sei por qual motivo não foram executadas.

MÁRCIO: E já tinha um projeto pronto para o local onde ficava a antiga cadeia?

NILSON: Na época eu acumulava as Secretarias de Finanças e Administração, pois um dos secretários na época havia pedido demissão, e foi pedido para que a Receita Tributária, pra fazer uma pesquisa sobre a situação do terreno da delegacia, casa de prisão provisória. Aí foi constatado que constavam nos registros no cartório de registro de imóveis, que os imóveis pertenciam ao município, e que haviam sido adquiridos ainda na década de 60. Então, por isso a prefeitura resolveu fazer a demolição pra dar outro destino, que originalmente seria a construção de uma creche. Depois disso, obtiveram outros terrenos em outro local que era mais necessário. A construção da creche foi lá para o bairro Santa Maria no alto das imediações do D. Sinica, Santa Maria, Nossa Senhora da Saúde e os terrenos da antiga cadeia pública foram cedidos para a construção do SESC. Itumbiara acabou ficando sem albergue. Itumbiara hoje tem mais de 380 condenados no sistema semiaberto sem ter onde cumprir suas penas.¹²



FIGURA 01: Foto da Antiga Cadeia Pública (Acervo Pessoal do Sr. Nilson Freire)

¹² FREIRE, Nilson. Nilson Freire, ex-secretário da Gestão do antigo prefeito José Gomes da Rocha: depoimento [31/10/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Casa do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

Um dos fatores preponderantes para o término do presídio foi a boa relação do ex-prefeito com o governo estadual. Segundo o Sr. Nilson Freire, o prefeito sabia como articular, tanto que ele, inclusive, foi ao bairro fazer propaganda da mudança com os moradores a fim de conseguir ainda mais apoio da população.

MÁRCIO: O Zé Gomes, na época, consultou a população do Bairro Afonso Pena sobre a retirada da cadeia? Você como ex-secretário de Administração sabe disso?

NILSON: Márcio, onde o Zé não fez isso aqui em Itumbiara? O que mais se via era ele aproveitar de situações como essa da cadeia para abraçar o povo, dizer que ama todo mundo, e que essa cidade é a vida dele. Na verdade, a retirada da cadeia já era antigo o problema e que, de certa forma, ele usou isso a seu favor. Ele foi no Sarandi antes de levar o presídio e inaugurou um monte de placas, dizendo não iria chegar apenas o presídio, mas também, escola, clínica médica e outros benefícios. Vai lá no Sarandi pra você ver o tanto de placa falando de obras que não foram concretizadas. Na cidade, você viu a obra que ele fez no lugar da antiga cadeia? Vai lá e olha que prédio lindo. No Sarandi, nós fizemos, na época, o necessário para agradar a população, e melhorar o povoado. Como já te disse, deixei o governo e não sei por que não foram executadas¹³.

Diante do que foi demonstrado pelo ex-secretário as melhorias ocorridas tanto nas relações sociais quanto no espaço físico no povoado do Sarandi, foi mais uma tentativa de retirar a atenção dos moradores para a chegada do presídio regional, foi feito o asfalto que era uma anseio antigo, algumas casas, porém, outros benefícios prometidos não foram feitos. Atualmente o que se vê é um monte de placas relativas às promessas que não foram cumpridas, desta forma demonstra que a ideia era que não se questionasse a chegada do presídio, que, em tese, poderia tirar o sossego da comunidade, o que na prática acabou não acontecendo. Mostra mais uma vez os interesses hegemônicos em detrimento propriamente dos interesses sociais.

O relato da forma pela qual foi conduzida a mudança da cadeia, do ponto de vista político, demonstra uma preocupação com a visibilidade do local diante das transformações que ocorriam em Itumbiara. Deixar uma cadeia em um setor nobre da cidade seria, no mínimo, contraditório diante do projeto que o ex-prefeito pretendia desenvolver, impondo um discurso de modernidade.

¹³ FREIRE, Nilson. Nilson Freire, ex-secretário da Gestão do antigo prefeito José Gomes da Rocha: depoimento [31/10/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Casa do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

Nota-se pela narrativa do ex-secretário que a mudança foi articulada por interesses políticos e, apesar de toda essa situação, retirar a cadeia do espaço urbano, em tese, significaria tirar da cidade um problema que se arrastava há anos e que os prefeitos anteriores não tinham coragem de solucionar. A população acredita que a mudança foi benéfica para o bairro, embora, afirmem que ela não representava problemas para a população do bairro.

MÁRCIO: Douglas, há quantos anos mora no Bairro Afonso Pena?

DOUGLAS: Nasci em 1969, e eu tinha três anos quando mudei aqui pra esse lugar.

MÁRCIO: E o bairro sofreu muita transformação de lá pra cá?

DOUGLAS: Quando eu mudei pra cá ainda tinha rua de terra, a cadeia já funcionava, mas o movimento era muito menor, a cidade era bem menor. Essa rua principal que passa aqui na porta da minha casa e sobe passando na porta onde era a cadeia, era toda de pedra. Não tinha problema algum aqui no bairro, era muito tranquilo, mas a cidade foi crescendo e o bairro foi aumentando, porque aqui corta a cidade de um lado pra outro.

MÁRCIO: E sobre a retirada da cadeia. Vocês foram consultados sobre a mudança?

DOUGLAS: Eu pessoalmente não fui consultado, mas o Zé Gomes, ele teve aqui conversando com um povo aí. Ele falou pra o povo que iria tirar a cadeia daqui, e, às vezes, alguém pode pensar que tirar a cadeia daqui não foi bom, mas tá enganado. Pode perguntar dez pessoas que nove vão dizer que foi bom. Isso aqui era um barril de pólvora, qualquer momento podia explodir um problema maior, a cidade cresceu demais, e ali era cheio de casa ao redor. Como que o prédio podia sofrer mudança? O recurso era tirar daqui mesmo, uma cadeia pra cem preso funcionar com duzentos. Que jeito!

MÁRCIO: E vocês tiveram problemas com presos aqui?

DOUGLAS: Não, não tinha problema algum com a cadeia, não tinha rebelião, não tinha problema. As família vinha aí e ia embora, tudo normal, o problema é que lá não tinha mais como abrigar todo mundo, a cidade cresceu demais e os preso aumentou também. Tinha que arrumar um lugar pra levar esse povo e eles ter mais condição de pagar a pena¹⁴.

A cadeia foi demolida durante a madrugada. Segundo morador, “o prédio anoiteceu e não amanheceu”, as máquinas da prefeitura fizeram todo o trabalho de demolir e carregar os entulhos. O antigo prédio foi totalmente destruído e o terreno já preparado para início das obras da nova sede do SESC. A maneira como a cadeia foi demolida pegou todos os moradores de surpresa, porém manifestaram apenas a aprovação diante da mudança.

¹⁴ RIBEIRO, Douglas Fabiano Cintra. Douglas Fabiano Cintra Ribeiro, morador do Bairro Afonso Pena: depoimento [09/04/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Casa do Entrevistado, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

MÁRCIO: Como foi feita a demolição da cadeia? O senhor tem lembrança?

CARLOS: Logo depois da mudança para o Sarandi, nós achou que eles iria fazer o tal de bergue (albergue), mas passou uns dia e nós dormiu e quando acordou o prédio já tinha caído. Nós nem escutou a bagunça, mas quando acordou num tinha mais nada. Essa cadeia era ruim demais, eles num pensou, podia ter reformado pelo menos, mas o tamanho já num cabia. Melhorou pra nós, porque eles fez o prédio do SESC e melhorou pra nós¹⁵.

O senhor Carlos é um dos moradores mais antigos do bairro, ele tem hoje 53 anos, e mudou para o Bairro no ano de 1971, quando tinha 10 anos. Durante a entrevista, demonstrou que o local onde vive faz parte de sua história e, apesar de alguns entraves vividos no bairro ao longo dos 43 anos, afirma que a mudança representou para ele uma possível garantia de segurança e tranquilidade para sua família. Ele não se mostrou contrário, afirmou que não teve problema algum com a cadeia e, conseqüentemente, com algum preso. Ao afirmar que a cadeia não trazia motivos para desespero por parte da população, a única percepção que o morador tinha era da situação precária em que o edifício se encontrava, o que dificultava seu funcionamento.

MÁRCIO: Desde quando o senhor mudou para Itumbiara, (GO), morou nesse bairro?

CARLOS: Foi, eu mudei pra cidade em 1971, sempre morei nessa casinha aqui ó (aponta para a casa onde mora). Hoje tenho minha mulher, mais já tive dois fio que caiu no mundo. Sempre morei aqui no Bairro, antigamente chamava aqui de Bela Vista, Centro, agora Afonso Pena, num sei precisar, mas acho que chama Afonso Pena agora. Aqui foi sempre sossegado, nunca tive problema com nada. Quando mudei pra cá, as rua ainda era de pedra, depois colocaram aquelas outras pedra preta (paralelepípedo) até chegar o asfalto. Depois da derrubada da cadeia, eles miorô muito aqui pra nós.

MÁRCIO: O senhor teve problema com a cadeia aqui no bairro?

CARLOS: Não, num tive problema nenhum, até que pra mim não tinha muita diferença se ela mudasse. Aqui era até mió pras família deles acompanhá eles. Lá no Sarandi, ficou ruim demais, até a comida deles ficou ruim. O problema é que eles não quis nem reformar o prédio antes, deixou acabar tudo, e os preso acabou revoltando. Teve uma morte de um preso aí, um agente apagou um preso. De lá pra cá, a cadeia mudou muito até que eles quebrou tudo pra muda daqui¹⁶.

¹⁵ OLIVEIRA, Carlos Roberto de. Carlos Roberto de Oliveira, morador do Bairro Afonso Pena: depoimento [06/04/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Casa do Entrevistado, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

¹⁶ Ibidem.

É importante mencionar que, curiosamente o anúncio da demolição do prédio da antiga cadeia foi feito durante as festividades do famoso “ARRAIÁ”¹⁷, aproveitou-se o momento para que toda população ficasse sabendo que a transferência havia acontecido e que o novo prédio seria demolido.

MÁRCIO: Como ocorreu a demolição da cadeia?

DOUGLAS: Uai, eu tava no Arraiá com minha irmã, tinha um show e, antes do show, teve aquela politicagem que você conhece, daí de repente, o Zé falou que quem quisesse ver o prédio da antiga cadeia aproveitasse hoje porque amanhã ele não vai existir mais. Que ele iria demolir pra fazer uma nova obra no bairro.

MÁRCIO: E vocês acompanharam a demolição?

DOUGLAS: Eu vi alguma coisa aí, porque o barulho foi grande e o poeirão cobriu tudo, mas logo passou e começaram a tirar os entulhos. O povo acordou no outro dia e tava aquele clarão no lugar onde estava a antiga cadeia. Quem morava ao redor do prédio ficou mais assustado, porque tremia tudo, mas ele teve o cuidado de deixar tudo limpo, justamente pra mostrar pra o povo o sentido de benefício da retirada da cadeia daqui. Melhorar o bairro foi uma forma de diminuir algum tipo de problema. Era pra mostra pra todo mundo que o bairro ficaria melhor sem a cadeia. Ele asfaltou a rua principal, tirou os paralelepípedos, pintou os meio-fio, então a ideia era mostrá que a cara do bairro teria ficado melhor.

MÁRCIO: Que tipo de problema você fala?

DOUGLAS: A família dos presos uai, eles preferia aqui, porque era mais perto e todo dia podia ter notícias. No Sarandi, ficou muito mais difícil. Mas acaba que eles já acostumaram também. Esse foi um dos problemas, aqui ficava cheio de gente, e se um bandido fugisse pulava direto para uma casa. Então era melhor retirar de dentro da cidade¹⁸.

¹⁷ ARRAIÁ foi uma festa criada pelo ex-prefeito Zé Gomes da Rocha que acontece no mês de junho, durante quinze dias. Foi criado um espaço de frente à Av. Beira Rio (principal ponto turístico da cidade) para realização do evento. Nesse período, ocorre a apresentação de vários artistas de renome nacional, o prefeito constrói camarotes para autoridades e secretários. É o momento em que ocorre toda uma mobilização na cidade, todas as pessoas participam do evento e, geralmente, o ex-prefeito aproveitava essa festa para anunciar obras e alterações na cidade.

¹⁸ RIBEIRO, Douglas Fabiano Cintra. Douglas Fabiano Cintra Ribeiro, morador do Bairro Afonso Pena: depoimento [09/04/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Casa do Entrevistado, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.



FIGURA 02: Foto do local que abrigava a Antiga Cadeia Pública após a demolição (Acervo Pessoal do Sr. Nilson Freire)

Embora todas as entrevistas abordem a ideia de que a mudança teria sido benéfica para o bairro, o Subtenente Ronigalbas, um dos militares mais antigos da cidade de Itumbiara, e que trabalhou 10 anos na cadeia municipal quando a mesma era situada na cidade, no Bairro Afonso Pena, salienta a ausência de condições e serviços básicos como a principal razão para a retirada da cadeia do perímetro urbano. A situação precária do prédio dificultava a organização, manutenção e segurança.

Em seu relato, é demonstrada a forma interpretativa existente entre a cadeia e o bairro, apresentando a relação que se construiu durante anos através da existência do prédio no espaço urbano.

MÁRCIO: Sr. Ronigalbas, quanto tempo o senhor trabalhou na cadeia pública?

RONIGALBAS: Entre idas e vindas, trabalhei de 1990 até a saída dela praticamente, foi eu que fiquei lá.

MÁRCIO: Então o senhor acompanhou todo o processo.

RONIGALBAS: Quase todo o processo, eu fiquei lá durante o período que a polícia militar coordenava a carceragem e, depois que a agência prisional assumiu, eu fui convidado pra continuar lá, pra orientar o pessoal deles, e fiquei lá até o período da saída. Pouco antes realmente de serem transferidos, os presos pra zona rural, eu saí de lá e ficou praticamente nas mãos da agência prisional.

MÁRCIO: E na sua visão, quais fatores foram determinantes para a mudança? Apenas questões políticas?

RONIGALBAS: Não, o prédio não tinha mais condição alguma, os tijolos foram assentados na época de sua construção com puro barro, o reboco era só barro e, se um preso quebrasse a parede logo dava de frente com a rua, a fuga era muito fácil¹⁹.

Para o militar, não era incomum observar trabalhadores, moradores do bairro, durante todo o expediente normal da cadeia pública, transitando sem grandes preocupações. Já nos finais de semana, quando o fluxo de pessoas era maior devido à presença das famílias, tornava-se frequente a mistura de pessoas de origem duvidosa adentrando as imediações do bairro, misturando-se com os moradores. Parte da população salienta que a cadeia não tinha problemas, porque devido à presença constante de policiais e, posteriormente, dos agentes da Agência Prisional não se via notícias de ocorrências dentro do bairro, que era considerado um dos mais tranquilos da cidade. Por isso, a existência de divergências entre os moradores quanto à retirada da cadeia.

MÁRCIO: Quais os principais desafios vividos no antigo prédio no período em que o senhor esteve à frente da carceragem?

RONIGALBAS: Na realidade, a gente sempre via um perigo, nós tivemos umas fugas lá que ofereceram perigo para moradores próximos, e algumas fugas que os camaradas pularam direto dentro de residências próximas. Então, eu sempre via que quem morava, principalmente nas proximidades, tava correndo algum tipo de perigo. E nós tivemos tentativas de invasão na cadeia, pessoal tentou invadir até utilizando muro de residência próxima. Essas tentativas de invasão graças a Deus não surtiram efeitos, não teve êxito.

MÁRCIO: Tentativa de invasão por parte de outros bandidos?

RONIGALBAS: Tentativa de invasão por parte de bandido lá de fora, tentando resgatar preso lá dentro. Então, a sociedade sempre correu algum perigo, de certa forma, sempre correu. Porém, quando a delegacia era naquele lugar, a carceragem era ali, o pessoal do bairro se sentia mais seguro. Ali não tinha assalto naquela região, certo! Os bandido que estava solto tudo corria daquela região, só os que tava preso mesmo que se mantinha ali. Então, a sensação de segurança que alguns moradores pode falar era maior por isso, naquela região não tinha assalto, não tinha problema nenhum, o único problema que a gente tinha era com a carceragem, mas não tínhamos problema de furto, assalto, naquela região não.

MÁRCIO: E hoje o senhor trabalha na patrulha, diretamente nas ruas, e como ficou a sensação do bairro após a mudança?

RONIGALBAS: Hoje os moradores se sentem inseguros. Na época que a carceragem era ali, não tinha qualquer tipo de problema com segurança no bairro. E hoje, depois da mudança, o bairro já tem ocorrência praticamente todos os dias, então alguns moradores pode até falar que não tinha problema com a cadeia no bairro, mas é porque os bandido corria do bairro pra fugir da polícia²⁰.

¹⁹ TEODORO, Ronigalbas. Ronigalbas Teodoro, Subtenente da Polícia Militar de Itumbiara, (GO): depoimento [16/04/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Destacamento da Polícia Militar de Itumbiara, (GO), 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

²⁰ Ibidem.

O senhor Ronigalbas, atualmente, trabalha diretamente com a ronda em toda a cidade, quando está trabalhando convive com situações dentro do bairro que, para ele, não chega a ser novidade. Houve algumas alterações características desse tipo de mudança e, atrelado a isso, o crescimento da criminalidade na cidade. Essa realidade tornou-se constante na vida dos moradores, sendo que uma das principais preocupações, após a retirada da cadeia, foi proporcionar alternativas na tentativa de não atrapalhar a convivência das pessoas dentro do bairro e, sobretudo, com o crescimento imobiliário que se expandia na parte norte da cidade.

MÁRCIO: Retirar os presos da área urbana trouxe segurança para os moradores do bairro e para a população em geral?

RONIGALBAS: É uma pergunta até difícil de responder, porque na época que eu ficava na carceragem eu não via problema nenhum na carceragem ser ali, porque a gente fazia, enquanto policial militar, enquanto tomava conta daquela carceragem eu sempre trazia a coisa correta. Fazia um serviço sério, as fugas que ocorreram ali mesmo foram por falta de estrutura do prédio, não por falta de estrutura de pessoal, porque eu contava com uma equipe que era excelente, mas a estrutura do prédio era muito antiga, pra você ter uma idéia, as paredes lá, a gente chegava com o dedo assim e arrancava o reboco. Então, o pessoal tinha muita facilidade em fazer buraco na parede, fazer buraco no teto. Então, a dificuldade maior que a gente encontrava na carceragem em ser dentro da cidade é com a falta de estrutura. Não havia mesmo. E com relação à população, depois da retirada da carceragem, nós tivemos que, de certa forma, zelar pela convivência do povo do bairro, porque antes a segurança concentrava muito ali, depois o bairro tornou mais um para ser cuidado dentro da cidade. Então, não tinha mais aquela frequência de polícia direto ali, toda hora²¹.

Antes da retirada da cadeia do espaço urbano, a preocupação já era constante com a segurança dos moradores, embora eles não percebessem as dificuldades que eram encontradas em decorrência do prédio antigo. Segundo o militar, um dos delegados que passaram em Itumbiara, quando chegou à cidade e viu a situação da cadeia logo tentou uma alternativa para sanar, ainda que de maneira paliativa, os problemas estruturais da cadeia.

Quando o Dr. Divino chegou em Itumbiara, fez um serviço de colocar umas chapas nas grades, tudo soldada, mas eles tinham capacidade de arrancar as chapas e fazer faca com as chapas. Então, uma coisa

²¹ TEODORO, Ronigalbas. Ronigalbas Teodoro, Subtenente da Polícia Militar de Itumbiara, (GO): depoimento [16/04/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Destacamento da Polícia Militar de Itumbiara, (GO), 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

que a gente colocou achando que iria neutralizar algumas possíveis fugas pela janela, no final estava servindo de arma.

MARCIO: E gerou algum conflito com morte?

RONIGALBAS: Na minha gestão, no período que estive lá não tive nenhum problema com morte. Tinha briga, muita rixa entre presos, coisa que a gente controlava não deixando esses presos que a gente sabia que tinha rixa se encontrar, nem no banho de sol. Às vezes, a gente mudava de cela. Como chefe de segurança, até isso a gente tinha que controlar. Porque a rivalidade interna entre os presos, ela existe²².

No universo das relações cotidianos dos moradores do Bairro Afonso Pena, nota-se distinções na maneira de analisar e interpretar a mudança ocorrida. Como sou morador da cidade há apenas 05 anos, já vejo diferenças significativas nos modos de trabalho, na forma de viver das pessoas. Durante a pesquisa no bairro Afonso Pena, andando pela Rua Severiano de Paula, Bernardo Sayão, ouvindo, vivenciando através das entrevistas uma memória viva das pessoas que ali estavam há anos, pude ver a importância do bairro para cada um. Mesmo aquele que não é filho da cidade, enaltece a importância de se morar ali, e fortalece a reciprocidade do cotidiano local.

Essas impressões fizeram com que eu compreendesse de maneira mais clara a importância daquele mundo para cada um, pôde-se perceber a preocupação com a questão da identidade do indivíduo a esta unidade espacial. Em um estudo realizado por Sousa (1987) sobre um povoamento do interior do estado de São Paulo, o pesquisador ressalta que os elementos físicos e os laços afetivos estão intimamente ligados à população de qualquer bairro. Em um dos seus relatos, Sousa coloca que:

[...] além de determinado território, o bairro se caracteriza por um segundo elemento, o “sentimento de localidade” existente nos seus moradores, e cuja formação depende não apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas, vestindo por assim dizer o esqueleto topográfico. [...] O que é bairro? - perguntei certa vez a um velho caipira, cuja resposta pronta exprime numa frase o que se vem expondo aqui: - Bairro é uma naçãozinha. - Entenda-se: a porção de terra a que os moradores têm consciência de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras.²³

²² TEODORO, Ronigalbas. Ronigalbas Teodoro, Subtenente da Polícia Militar de Itumbiara, (GO): depoimento [16/04/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Destacamento da Polícia Militar de Itumbiara, (GO), 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

²³ SOUSA, A. C. M. Os parceiros do rio Bonito. São Paulo: Duas Cidades, 1987. (p. 57-65, grifo do autor).

Essa impressão coloca os sentidos de orientação de cada morador do bairro, e esses norteiam as práticas e vidas de cada um deles, pois a preocupação em constituir a cidade firma os referenciais de mudança compreendidos como valores e modos de viver. Consequentemente, esses atores se constituem nas ações como figuras principais, cidadãos atuantes. As cidades, bairros, locais, onde se organiza a tessitura das relações sociais, são lugares, onde homens e mulheres projetam sonhos, ainda que de forma hipotética, projetam suas vidas dentro do espaço, e por esse mesmo espaço se estruturam historicamente nas relações vividas e experimentadas.

O quadro geral é pensar como o bairro Afonso Pena absorveu as transformações ocorridas no ano de 2009, com a transferência da cadeia pública para o povoado do Sarandi. No dia 04 de maio de 2009²⁴ uma comissão de autoridades locais foi fazer a visita no novo prédio com a finalidade de constatar as novas instalações, porém a mudança dependeria de uma série de autorizações da antiga SUSEPE (Superintendência do Sistema de Execução Penal) atual AGSEP (Agência Goiana do Sistema de Execução Penal). Para fazê-lo funcionar, seriam necessários, aproximadamente, 40 funcionários de acordo com o presidente do Conselho de Execução Penal, na época, Sr. Oswaldo Eustáquio da Silva²⁵. Segundo a SUSEPE, havia sido feito concurso e aguardava-se a homologação do resultado, mas, diante da realidade difícil em que se encontrava o trabalho na antiga cadeia, marcaram uma reunião para o dia 05 de maio de 2009 onde estariam presentes o então Secretário Estadual de Segurança Pública Sr. Ernesto Roller, o Juiz de Direito responsável pela Comarca de Itumbiara, na época, Sr. José Paganucci Jr. e o então prefeito Zé Gomes da Rocha para formalizar os últimos trâmites da transferência para o presídio regional.²⁶

A localização da cadeia pública não era vista como um problema para a população, até mesmo aqueles que temiam por algum tipo de problema estavam acostumados com a realidade daquela instituição naquele local. A mudança significaria uma alteração social na vida dos detentos e de seus familiares, pois, como estava localizada na zona urbana, facilitava o

²⁴ Jornal Folha de Notícias, Ed. Nº 3658, ANO XIX, 05 de maio de 2009, p. 06.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Ibidem.

acompanhamento do cumprimento da pena por parte dos familiares. Muitas famílias ficavam ali todos os dias, à espera de uma visita, aguardando para poder levar comidas e roupas para seus familiares que estivessem presos. Como se pode notar neste depoimento:

N.B.S. Meu filho não era tratado como gente na antiga cadeia, mas eu tinha notícia todo dia, subia as escadas e logo estavam me dizendo o que eu queria saber. No Sarandi, eu tenho que pegar uma condução pra ir até lá, levar a COBAL²⁷ (Comida e Roupas) e como vou mais de uma vez? Meu salário fica todo em viagem. Eu sei que no presídio ele tá numa condição melhor, mas eu fui obrigada a aceitar isso numa boa. O povo aqui do bairro já me conhecia, eu tomava uma cervejinha ali no Tizzo à tarde, depois de visitar meu filho. Depois passava no supermercado Santos Dumont, lá na pracinha no final da rua. Eu sei que meu filho errou, hoje tem um pouco mais de dignidade no presídio, mas sofro porque não sei o que tá lá com ele.

MÁRCIO: A senhora faz visita toda semana?

N.B.S.: Toda semana eu dou um jeito de ir. Eu trabalho de diarista e todo dinheiro que eu junto é pra pôr comida dentro de casa e ir visitar meu filho. Meu filho envolveu com drogas ainda muito novo, o pai não foi presença na vida dele, eu saía para trabalhar e deixava ele em casa. Loguinho, ele tava na rua jogando bola e conhecendo pessoas perigosa. Começou com uns roubo de pipa, depois foi ficando mais velho e teve contato com as droga, eu não podia deixar faltar nada em casa, mas às vezes me sinto culpada. Se eu tivesse ficado mais em casa, acompanhado mais ele, talvez não teria tido o destino que teve. Ele foi preso ainda novo e foi pra o CRAI (Centro de Recuperação de Adolescentes Infratores), ficou lá um tempo e depois acabei com tudo que eu tinha pra tirar ele de lá, mas infelizmente não adiantou. Ele saiu e voltou de novo pra lá. Fez 18 anos e voltou pra casa, me fez muitas promessas, pediu pra ajudá ele, mas não resolveu nada. Ficou bom uns dia e depois eu percebi que ele tava mudando de novo. Pedi pra ele pelo amor de Deus L... , não entra nisso de novo, mas o danado é que ele já tava.

MÁRCIO: Ele chegou a ser preso na antiga cadeia?

N.B.S.: Foi, mais ficou lá pouco tempo, mas era melhor, porque eu passava lá todo dia pra saber dele. Mãe é mãe. Hoje minha vida anda muito ruim, tenho ninguém, só ele. Às vezes, tem que tomar umas pinga pra melhorar a cabeça. Quando ele saiu da cadeia, falei pra ele que não gastava mais com ele, mas não consegui. Ele caiu de novo.

MÁRCIO: Ele teve algum tipo de problema na antiga cadeia?

N.B.S.: Não, só fiquei com medo quando mataram um preso lá. Um agente atirou num preso que tinha matado um vendedor de cachorro-quente. Eu fiquei doida pra saber quem era. Nesse dia, choveu de gente na porta da cadeia. Mas vi que não era ele e ficou tudo bem²⁸.

Segundo essa mãe, a mudança para o presídio de Sarandi trouxe um problema, apesar de admitir que lá o filho tem uma condição melhor de cumprir

²⁷ COBAL significa Companhia Brasileira de Abastecimento. Os presos denominam COBAL o dia em que a família leva alimentos.

²⁸ N.B.S, mãe de um detento do Presídio Regional do Sarandi: depoimento [31/01/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Presídio Regional, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

sua pena. Ela teve que se adequar, de tal forma, que a realidade social na qual esta inserida agora sofreria alterações, haja vista que teria um custo maior para acompanhar o filho preso. Mas, apesar de tudo isso, ela prefere o filho no presídio e não na antiga cadeia.

MÁRCIO: E no presídio ele tem mais condição de cumprir a pena?

N.B.S.: Olha, ele foi preso pela terceira vez e agora caiu lá no Sarandiru (pseudônimo do presídio) de novo. Ali dentro, ele conheceu os barra-pesada do crime, agora me resta rezar. Mas não me leva a mal, não sou gente boa, viu? Gasto meu salário comigo e com o L..., mas não roubo, não mato, não uso droga, só cigarro. Gosto de umas cachacinha, também. Às vezes, prefiro minha vida assim. Hoje sou doméstica na casa de gente boa, demorei a arrumar emprego depois que meu filho foi preso, mas consegui, e a minha luta hoje é pra vê ele fora disso (lágrimas), tenho medo dele morrer, mas o que posso fazer. Acabei com meu dinheiro tentando tirar ele disso, agora da última vez, eu não tenho mais condição. Ele é atendido por aquele advogado do governo. Sei lá, viu! Só queria meu filho aqui de novo.²⁹

Pode-se notar que, não apenas os familiares dos detentos foram obrigados a circunscreverem-se no campo das novas práticas sociais, os detentos também se acostumaram com a presença constante dos familiares ali. Eles podiam estar mais próximos daqueles que tinham laço familiar, embora solicitassem melhores condições de vida, o que, na visão deles, só era possível com a transferência para o presídio. No entanto, sentiram a falta constante do afeto familiar que era presença cotidiana na vida desses sujeitos. Passaram pelo processo de reelaboração da experiência social. Conforme relato, eles queriam melhorias, mas também suas famílias próximas de alguma forma:

I.F.: Ali na cadeia, professor, nós viveu de tudo. No início, era até bom, porque não tinha muita gente e nós podia ter contato com o povo quase todo dia, era mais fácil. Minha mãe ia lá direto, levava minhas roupa e eu nem precisava preocupar com comida e nem em lavar roupa. Lá podia ir qualquer dia, e qualquer hora e daí minha mãe zelava das minha coisa. Tinha as dificuldades, mas era mais simples de ter a família ali com nós.

MÁRCIO: E no presídio como é a vida de vocês?

I.F.: Hoje aqui no presídio, tudo mudou. Nós têm um pouco mais de conforto, mas devido a tanta gente, e gente de todo lugar que vem pra cá, as ação é diferente de quando era na cadeia. Aqui o trem é feio. Não existe visita fora do dia, além da direção proibir um monte de coisa, a distância é grande e fica caro pra as família pobre. Essa dificuldade nós enfrenta. Hoje em dia, às vezes, nós só tem a blindada (marmitex) aqui do jeito que o governo dá, porque às vezes, as família vem apenas na quinta-feira trazer as coisas e daí a gente

²⁹ N.B.S, mãe de um detento do Presídio Regional do Sarandi: depoimento [31/01/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Presídio Regional, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

divide com quem precisa e acaba que nem dá. Na antiga cadeia, tinha essa vantagem.”³⁰

Nota-se que os presos buscavam uma melhoria na qualidade das instalações, mas não queriam perder os laços familiares. De certa forma, a família auxiliava a dar mais força no cumprimento da pena, esse processo, na visão de muitos detentos, era uma ressocialização muito mais eficaz que qualquer outra proposta³¹.

Vale ressaltar que, no bairro Afonso Pena, a configuração social das pessoas mudou totalmente. A maioria da população local, apesar de não ser consultada, acabou por aprovar a mudança, pois, na visão de alguns, ali não merecia continuar com uma estrutura deficitária que, pelo fato de estar há muito tempo sem novos investimentos, estava fora dos padrões de configuração urbana.

As condições realmente eram precárias na antiga cadeia pública, 25 presos dividiam 16m², incluindo a ducha e o sanitário, sobrando menos de 14m², desse modo ficaria apenas cerca de 56cm² para cada detento³².

Falar no processo de transferência da cadeia é compreender o curso da história através de um passado que interfere no presente. O bairro passou por uma reconfiguração e as condições humanas não poderiam ser deixadas em vias de esquecimento, ou seja, a transição era uma questão necessária.

Segundo um detento:

I.F.: E tínhamos conhecimento que o presídio aqui tava pronto, uma das rebelião foi proporcionada devido a superlotação, muita desumanidade que acontecia dentro do sistema e excesso por parte das administrações anteriores. Excesso e força.

MÁRCIO: Se não tivesse ocorrido a rebelião vocês não teriam sido transferidos para o presídio?

I.F.: Com certeza teríamos passado mais tempo, com o risco de estarmos até hoje naquelas condições precárias.³³

Apesar de ter se formado uma teia em face da necessidade da mudança da cadeia pública, pôde-se observar que a tessitura urbana era uma dimensão espacial concernente com as dinâmicas capitalistas, assimilam

³⁰ I. F., Detento do Presídio Regional do Sarandi: depoimento [25/07/2012]. Entrevistador: Márcio Kleicy. Itumbiara: Presídio Regional, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

³¹ Ibidem.

³² Jornal Folha de Notícias, Ed. Nº 3778, ANO XIX, 23 de setembro de 2009, p. 07.

³³ I. F., Detento do Presídio Regional do Sarandi: depoimento [25/07/2012]. Entrevistador: Márcio Kleicy. Itumbiara: Presídio Regional, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

conflitos e contradições que refletem as relações de uma sociedade dividida em classes.

Os moradores do bairro tinham opiniões distintas sobre a mudança para a zona rural. Segundo o Sr. Evaldo, a segurança não foi o fator decisivo para a mudança, pois até jogavam futebol no pátio da antiga cadeia e avistavam as grades das celas, viviam no bairro com a presença da cadeia de forma tranquila sem aborrecimentos:

IVALDO: A própria questão da criminalidade mesmo, eu lembro que não existia superlotação no início da cadeia. Existiam alguns criminosos sim que eram considerados mais violentos, mas não existia superlotação. Então, passamos ali boa parte de um clima bastante amistoso numa relação de amizade, inclusive com os militares, com a família dos militares. A minha família, por exemplo, não é de militares, mas as melhores amigas da minha mãe, por exemplo, a maioria eram esposas de militares. A esposa do comandante, por exemplo, que já falecido os dois, mas a família ainda tem casa no mesmo local é como se fosse parentes, até hoje tem laços muito fortes, que vêm esses todos, mais de 40 anos.

MÁRCIO: O senhor acredita que poderia ter outra saída para a cadeia que não fosse a mudança?

IVALDO: Olha, Márcio, falar sobre isso é complicado, até porque não sabemos como iria prosseguir a vida na cadeia. O fato é que ela realmente tinha mudado muito, tinha uma superlotação, o bairro cresceu bastante e novas infra-estruturas estavam chegando aqui. Então, eu acho que a saída talvez mais fácil pra época fosse a mudança para o Sarandi, até porque lá já estava praticamente pronto e o Dr. Arquimedes, promotor, junto com os órgãos competentes havia aprovado o prédio.³⁴

O senhor Evaldo Leles, à época da entrevista, era diretor da UEG (Universidade Estadual de Goiás – UNU Itumbiara), a casa dele localiza-se de frente ao prédio, onde se situava a antiga cadeia pública. Morando nesse local há mais de quarenta anos, segundo ele, o fator decisivo para a transferência foi a preocupação com a população local e com a situação precária que o prédio da Cadeia Pública se encontrava, não foi precisamente uma preocupação com a segurança.

IVALDO: Naquele momento, você tinha algumas situações de conflitos, algumas pessoas aplaudiram, manifestaram favoráveis, atribuindo apenas o viés da questão que era tirar os bandidos da área urbana da cidade. Por outro lado, você tem a família dessas pessoas que por ser um setor antigo, o bairro não vai deixar de ser bairro, uma mãe não vai deixar de ser mãe, o irmão, sei lá, esses laços não se

³⁴ LELES, Evaldo de Souza. Evaldo de Souza Leles, morador do bairro Afonso Pena: depoimento [27/03/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Casa do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

perdem por ter ocorrido um desvio de conduta, pelo menos enxergo dessa forma. E estava muito delicado, as pessoas sofrendo muito, principalmente as famílias sofrendo muito com aquela situação toda, e a situação precisava que alguém viesse a reforçar essa situação de que precisava tirar em função do risco que aquelas pessoas ofereciam.

MÁRCIO: O senhor acredita que os presos, naquele momento, ofereciam risco?

IVALDO: Sim, Márcio, analisa comigo, eles estavam vivendo em condições sub-humanas, além de ter uma comida ruim, viviam sem dignidade, um desvio de conduta não desfaz laços afetivos entre pai e filho. Então, os pais vieram aqui pra porta, próximo de quando foi feita a transferência, para saber o que estava acontecendo. Eles não estavam felizes com a situação com que os filhos estavam vivendo, queriam mais dignidade. E imagina você, os presos estavam sem condição de cumprimento de pena, vivendo em um espaço proposto pra quatro pessoas onde abrigava quatorze, o que podia acontecer?

MÁRCIO: Uma rebelião claro.

IVALDO: Então, a mudança tinha que acontecer. E foi melhor pra todo mundo. Os pais, no início, sentiram, mas logo entenderam a necessidade da mudança. O crime mudou, a realidade social do bairro, mudou, então era necessário pensar nessa mudança.³⁵

A questão familiar e social das pessoas também foi determinante para que se pensasse numa maneira de como reinstalar os detentos na nova área. Na visão do entrevistado, era necessário se pensar não apenas na população local, mas nos presos, nas famílias dos presos. Apesar de existir o desvio de conduta, a relação humana deveria ser respeitada, os laços familiares não se perdem apesar da situação. Pensar na transferência era pensar não apenas no bairro, mas também na comunidade carcerária.

IVALDO: Bom, como morador, vizinho da Cadeia Pública durante todos esses anos, nós nunca tivemos um aborrecimento por parte dos internos ou da própria polícia, o que não significa que não ocorreu, nesse período, algumas cenas, várias rebeliões nós presenciamos, reivindicações das melhorias de condições. A cidade cresceu, a criminalidade aumentou, aí é uma relação, uma consequência, a cidade foi crescendo, crescendo, crescendo e não houve por parte do poder público uma iniciativa de melhorar as condições daquele prédio. Não houve interesse em modernizar aquelas instalações, em ampliar aquelas instalações. Então, lá em 1970 já em meados de 1980, um prédio com capacidade para quarenta pessoas continua existindo nos anos de 1980, 1990, 2000 continua o mesmo prédio. Você tinha ali uma situação de extremo desconforto para a população carcerária. Mas enfim, não houve uma melhoria do prédio.

MÁRCIO: Mas o próprio espaço territorial não tinha condições, não é Evaldo?

IVALDO: Quando a cadeia foi construída, penso eu, porque eu não morava aqui, não se esperava que o crescimento da cidade e do

³⁵ LELES, Evaldo de Souza. Evaldo de Souza Leles, morador do bairro Afonso Pena: depoimento [27/03/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Casa do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

bairro fosse acontecer dessa forma. Não tinha nenhuma casa em volta da cadeia, isso eu sei pelas fotos da época. Mas os terrenos ao redor dela eram particulares, para aumentá-la teria que desapropriar muitas pessoas. Agora, imagine hoje a cadeia tendo sido transformada em presídio aqui, dentro do bairro. Não daria certo, Márcio. O próprio bairro precisava de modificações, dentre as quais, a cadeia teria que sair daqui.³⁶

Os detentos foram obrigados, além da situação complexa em que a cadeia se encontrava, a se situarem diante das transformações que foram ocorrendo também. O pátio que era utilizado de campo de futebol seria transformado mais tarde em IML e ala feminina e, apesar dos esforços para que se adaptasse o prédio a fim de atender as demandas, o espaço não favorecia uma melhoria considerável, ou seja, tentou-se gerar novas estratégias de controle o que na prática não funcionou³⁷.

A presença dessa instituição em um bairro urbano tão importante pode ser encarada como um resquício do período de formação da cidade, sendo que a separação e consequente transferência para a zona rural no povoado do Sarandi ocorreram apenas em 2009. Atualmente, no local está sendo construída, já em fase final, a nova sede do SESC. A transferência para o Presídio Regional, localizado no povoado do Sarandi, tornou-se um dos principais projetos discutidos nos últimos dez anos, pois buscava viabilizar maior segurança para a população do bairro e também de toda área urbana de Itumbiara, (GO).

³⁶ LELES, Evaldo de Souza. Evaldo de Souza Leles, morador do bairro Afonso Pena: depoimento [27/03/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Casa do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

³⁷ Ibidem.



FIGURA 03: Foto do novo prédio do SESC, construído na área da Antiga Cadeia Pública (Acervo Pessoal do Sr. Nilson Freire)

Ainda que de maneira distinta, os próprios detentos sabiam como agir dentro do problema que se envolvia a transição. Conforme relato de um detento, pode-se observar que a solicitação era algo consciente devido às más condições em que viviam:

I.F.: Essa vida do crime já é dura e nós sabe o que tá certo e o que tá errado, aqui tem gente de todo jeito, traficante, estuprador, delinquente de merda, mas tem que ter firmeza, tem que ser respeitado e dar respeito, tem que saber se enquadrar no sistema, e aquela cadeia era um inferno. O que prestava era só nossa família com nós ali direto, o resto era muito ruim.

MÁRCIO: Qual o maior problema que vocês enfrentaram na antiga cadeia?

I.F.: Professor, o senhor sabe que sou preso já tem tempo, passei, preso lá na cadeia. Saí, mais voltei. Então, não tem jeito de fugir da minha realidade. O que eu achava era que lá nós não tinha dignidade e precisava de ser tratado melhor. Quando nós reivindicou e chamou o Dr. Roberto Neiva, era pra ele escutá nós. Nem banho na cela tinha jeito de tomar. A situação era difícil, tudo que nós precisava eles achava que era malandragem. O que nós queria era melhor condição e não mordomia.³⁸

³⁸ I. F., Detento do Presídio Regional do Sarandi: depoimento [25/07/2012]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Presídio Regional, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

O relato do detento mostra uma ordem histórica dos sujeitos que vão reconfigurando suas vidas em torno da prática do legal e do ilegal. Em pauta, estariam não apenas os problemas vividos pelos moradores do bairro, mas os descasos com que os detentos eram tratados pelo poder público. Ainda, segundo depoimento do mesmo detento, a transferência só foi possível devido ao motim que fizeram, em decorrência de um preso que estava passando mal e não houve atendimento.

I.F.: O cara tava mal pra caramba. Solicitamos atendimento e ninguém deu moral nenhuma, achava que era 7.1. (expressão de que alguém que está tentando mentir, enganar). Daí, nós revoltou tudo e começamos a quebrar tudo. Era quatro hora da manhã e quando a cidade acordou, tudo estava quebrado e nós ia por tudo abaixo, todo mundo tava cansado daquele chiqueiro e dos modo de maltratamento.

MÁRCIO: E houve morte, ou outro problema do tipo?

I.F.: Já tinha morrido assassinado um dos nossos, dias antes. Ninguém sabe ao certo por que o agente matou o cara. Disse que foi um erro, mais vai saber. E no dia não teve morte nem briga, porque as polícia, o BOPE, e todos policial que estava no dia ficou com medo de que nós destruísse tudo e eles ficasse com problema. Imagina se nós tivesse quebrado tudo? Aquele prédio era velho, nós uniu as cela tudo em uma só, começou a abrir a laje e queimar colchão. Eles viram que não tinha jeito, a saída era trazer nós pra cá.³⁹

As celas da cadeia foram rapidamente destruídas devido à precariedade do prédio. Quebraram as paredes, a laje e tiveram acesso ao telhado, onde ocorreu a queima dos colchões. Somente os detentos do pavilhão central aderiram ao motim, as alas femininas e dos presos de bom comportamento, onde estavam cerca de 100 pessoas, não aderiram⁴⁰. Desse modo, nesse cenário nada pacífico, iniciou-se o debate em torno da mudança, uma prática social que utilizou de artefatos antissociais. Era a única via para solucionar o problema.

Nesse dia, foram vividos momentos de tensão. Um exército de cerca de 120 homens e dezenas de viaturas conseguiram dominar a situação, vários policiais colocaram-se em posições estratégicas. As discussões duraram toda manhã e foram conduzidas pelo Sr. Roberto Neiva Borges, do juizado especial

³⁹ I. F., Detento do Presídio Regional do Sarandi: depoimento [25/07/2012]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Presídio Regional, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

⁴⁰ Jornal Folha de Notícias, Ed. Nº 3778, ANO XIX, 23 de setembro de 2009, p. 07.

cível, mas que atuou na vara criminal, o promotor Clayton Korb Jarczewski, que tem experiência em situações de conflito e, ainda, os representantes do Conselho da Comunidade Prisional⁴¹.

A comunidade carcerária entregou uma carta com todas as reivindicações, a principal delas era a solicitação para que tivessem maior dignidade no cumprimento de suas penas, e isso só seria possível com a transferência para a nova unidade prisional.

No curso dessa experiência vivida por esses homens e mulheres que se reconstróem cotidianamente perpassando um caminho pela lógica da experiência real, cujas evidências devem ser necessariamente incompletas e imperfeitas⁴², a mudança representaria a possibilidade de uma nova vida para esses homens e mulheres, seria o início da formação de uma nova história. Ainda que detidos, experimentariam agora um processo de transformação social em suas vidas.

Durante todo o dia da transferência, familiares dos detentos ficaram nas imediações da antiga cadeia no bairro Afonso Pena, angustiados e ansiados por notícias. Configurou-se um momento de desequilíbrio da ordem formal urbana durante longos dois dias. Foi necessária a vinda de um batalhão especializado para executar a transferência dos presos. No transporte até a nova unidade prisional, foram utilizadas 20 viaturas e motos com batedores. A Secretaria Municipal de Educação cedeu 06 micro-ônibus, com capacidade para 31 lugares cada e seis motoristas para o transporte dos presos⁴³. A AGSEP (Agência Goiana do Sistema de Execução Penal) havia promovido o mínimo de estrutura e condição para que o presídio regional, instalado no povoado do Sarandi, fosse inaugurado e funcionasse.

A saída da cadeia pública da zona urbana não representou uma diminuição na incidência dos crimes na cidade, mas seria uma possibilidade de arquitetar uma melhor configuração na busca pela ressocialização.

É importante considerar que, quando se instalaram no novo presídio, os detentos puderam ter acesso a outros programas assistenciais, como a escola extensiva do Colégio Adoniro Martins de Andrade, funcionando no

⁴¹ Jornal Folha de Notícias, Ed. Nº 3778, ANO XIX, 23 de setembro de 2009, p. 07.

⁴² THOMPSON, E. P. A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros, 2009, p. 57.

⁴³ Jornal Folha de Notícias, Ed. Nº 3778, ANO XIX, 23 de setembro de 2009, p. 07.

padrão EJA (Educação de Jovens e Adultos), inclusive com alguns deles concluindo o ensino médio dentro da prisão. Existem também convênios com empresas, como a PLANTAR, onde os detentos vão escoltados trabalhar no campo, na produção de mudas de eucalipto e com a FARP-UNIFORMES, os detentos que aderem ao projeto confeccionam malhas e roupas com máquinas disponibilizadas pela empresa. Essas atividades são remuneradas e os familiares administram o dinheiro recebido. Existe, ainda, horta com várias verduras e legumes que são destinadas ao consumo interno dos presos.

Apesar de esses projetos funcionarem dentro do presídio, isso não é sinônimo de reeducação, de ressocialização, e não garante que o detento deixará o mundo do crime, pois a sociedade, na maioria das vezes, não acolhe muito bem um ex-presidiário. O depoimento a seguir mostra a angústia de um detento que possui a profissão de ordenhador, operador de máquinas agrícolas e, ainda, trabalha como peão. O que mais chama a atenção na entrevista é a maneira pela qual ele apresenta certo desestímulo com relação a seu retorno na sociedade. Ele tem consciência que será difícil sua reinserção na sociedade vejamos:

MÁRCIO: E com relação a emprego? Você chegou a procurar emprego e foi discriminado por ter tido problema com a justiça?

I.F.: – Já passei por isso, já tive praticamente fichado na Caramuru (Empresa de Grãos de Itumbiara, (GO)), com apadrinhamento e tudo. Cheguei a fazer exames pra poder tá trabalhando, estou pondo essa aí, porque foi a única referência que eu tive assim de serviço e eu perdi. E a discriminação que eu disse que era pelo meio judiciário, era justamente nesses aspectos aí, porque na hora de puxar os dados isso fica em arquivo e isso de alguma forma prejudica a gente de maneira geral.

MÁRCIO: Você acredita que a sociedade exerce um papel fundamental na reabilitação do reeducando? Se ela acolhesse vocês sem preconceito a criminalidade seria menor? Ou você acredita que a pessoa que está no mundo do crime não sai mais? Com ou sem apoio da Sociedade?

I.F.: Uma pessoa igual eu, hoje, saindo, depois de ter tirado tanto tempo de cadeia, se a pessoa tiver um serviço que acolhe com certeza a pessoa vai ter um recurso. Mas como uma pessoa, igual eu, que sai totalmente descapitalizado, se não tiver um serviço, alguém que possa empregar, como eu disse pela desigualdade social, com certeza a maioria deles comete delito novamente. E se tiver uma empresa que já emprega, hoje nós temos o sistema prisional aqui que já temos esse favorecimento de pessoas que já sai daqui empregado. Tem a empresa Plantar que é um convênio aqui com a nossa administração atual, que isso aí faz muito com que ajude os reeducandos a sair pra fora e não cometer novos crimes, porque arruma recursos pra poder sobreviver lá fora. E, realmente, muitas pessoas vêm pra o crime e não é usuário de drogas e não mexe com

nada, simplesmente fez um delito por necessidade de sobrevivência⁴⁴.

Esse detento tinha no presídio grande respeito por parte de toda comunidade carcerária e reflete sobre a mudança para o povoado do Sarandi com relação à sua família. Uma das questões que o fez entrar na vida do crime está relacionada às dificuldades que teve quando ainda era jovem. O entrevistado, à época, tinha 36 anos e teve outro irmão envolvido na criminalidade, porém, segundo ele, já deixou a vida do crime, e estava firme, fora da cadeia.

Ele relata como ficou a sua vida após a mudança para o presídio e afirma que foi benéfico, porque puderam ter mais condição de pagar a pena com dignidade.

MÁRCIO: Qual a principal mudança que você observou na vinda para o presídio regional?

I.F.: Hoje é bom. Nós mudou pra cá e o comando era do Fidélis, foi mais tranquilo, nós tava saindo daquela cadeia ruim, depois veio pra cá e mudou bastante. Antes de vir os irmão de outros lugar (alusão aos bandidos de outras cidades), aqui era só nós de Itumbiara, então as cela era fofa (apelido dado por eles para uma situação tranquila na cadeia), pouca gente, depois que foi mudando com a chegada de mais gente, hoje tem muita gente ainda, mais é mais tranquilo que na cadeia.

MÁRCIO: Sua família é de Itumbiara mesmo?

I.F.: Tradicional de Itumbiara, tá sempre comigo aqui, nesses sete anos, eles tirou junto comigo aqui, sofreu mais do que eu ainda, toda vida estivemos juntos, e só tenho que agradecer eles por isso, e nós tá aí. Eu não quero dá mais sofrimento para a minha família não, e nós somos todos natural de Itumbiara, (GO).

MÁRCIO: Na sua família, só você tem passagem pelo crime, ou existe outro membro que também tem problemas com o crime?

I.F.: Que teve, teve, mas hoje ele não tem, escolheu um meio de vida melhor, que é o meu irmão. Hoje ele tá firmão, tá trabalhando, também é muito trabalhador teve um desvio de conduta, mas o dele foi reparador, bem menos que o meu. Então, hoje ele está firmão aí, graças a Deus!⁴⁵

O que se deve trazer à tona agora são os sentidos das mudanças entrelaçadas à cultura do povoado do Sarandi, as implicações que a inauguração do presídio trouxe para as pessoas que ali vivem. O sentido de cidade moderna, regulada pelas regras do capitalismo se desdobram em suas ações. Porém, como fica o sentido da vida social e material articulada através

⁴⁴ I. F., Detento do Presídio Regional do Sarandi: depoimento [25/07/2012]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Presídio Regional, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

⁴⁵ Ibidem.

dos moradores do povoado, pois o que é dito não representa um reflexo imediato do que é vivido.

Assim sendo, a perspectiva que venho seguindo até o presente momento e que darei continuidade visa pensar expectativas e sentimentos que tensionam modos de viver, discutidos na cidade de Itumbiara e que a partir de agora passarão para o povoado do Sarandi. Desafios e percepções dos moradores diante das transformações sociais que ocorreram no povoado, laços sociais que se estabeleceram no modo de vida dos sujeitos. É sobre isso que tratarei a seguir.

CAPÍTULO II

UMA VIDA, UMA HISTÓRIA: NARRATIVAS DOS MORADORES DO POVOADO DO SARANDI A PARTIR DA CHEGADA DO PRESÍDIO REGIONAL.

Através das experiências retratadas pelos moradores do Bairro Afonso Pena, o projeto de retirada da cadeia pública do espaço urbano foi sendo construído, vivido e se consolidou com a inauguração do Presídio Regional no povoado do Sarandi. Como foi observado nos relatos discutidos no primeiro capítulo, várias são as visões que parte da população do Bairro Afonso Pena tem sobre a transição da cadeia para o povoado na zona rural, mas as percepções são unânimes em abordar o caráter positivo da retirada do espaço urbano.

A mudança modificou não apenas o espaço físico do povoado, mas também a vida das pessoas que ali vivem, a chegada do presídio no Sarandi alterou as relações de sociabilidade que foram sendo construídas a partir de uma realidade que já existia, as transformações foram ocorrendo tanto nas relações sociais específicas e mutáveis, quanto nas relações culturais características de uma comunidade rural.

Sarandi é um povoado pequeno. Como tantos no Brasil, é formado tipicamente por laços culturais construídos através da convivência com a realidade do campo e que são perceptíveis no cotidiano da população. Comungam até mesmo de um sentimento de saudosismo por morar ali, ou ainda, mesmo aqueles que não moram e convivem diariamente no vilarejo, fazem do local um exemplo, estacionando sentimentos, lutas e esperanças, como é o caso do Sr. Márcio Ferreira:

MÁRCIO FERREIRA: Olha, pra você vê, o Sarandi, o tamanho do Sarandi hoje, pra mim é o local perfeito pra se viver, o que precisaria aqui hoje? Emprego pra o pessoal ter renda, um comércio melhor, uma mercearia mais bem montada, pra o pessoal comprar aqui e não ter que ir pra Itumbiara, comprar lá e deixar o dinheiro lá.

MÁRCIO: Mas e a mercearia do Marcão?

MÁRCIO FERREIRA: No Marcão não tem tudo. O cara recebe aqui e o que que ele faz? Vai em Itumbiara e faz a compra do mês e vem. Compra no Marcão o que faltar no dia a dia. Então, todo mundo aqui faz isso, todo mundo sem exceção. Aí se tivesse uma mercearia aqui boa, o pessoal deixaria o dinheiro aqui. Aqui, Márcio é o melhor lugar pra se morar, nunca tivemos problemas aqui, e acredito que o presídio não atrapalhou em nada nossa vida, pelo contrário, o maior

benefício que nós sempre queria era o asfalto e, quando falou que iria trazer os presos pra cá, logo eles arrumaram o Sarandi. Aqui é muito bom, qual lugar você pode escutar passarinho cantar de manhã como aqui? Água tratada direto da mina pra abastecer o povoado. Aqui não tem a correria de Itumbiara, a poluição praticamente não chega aqui. Aqui é o lugar perfeito pra se viver⁴⁶.

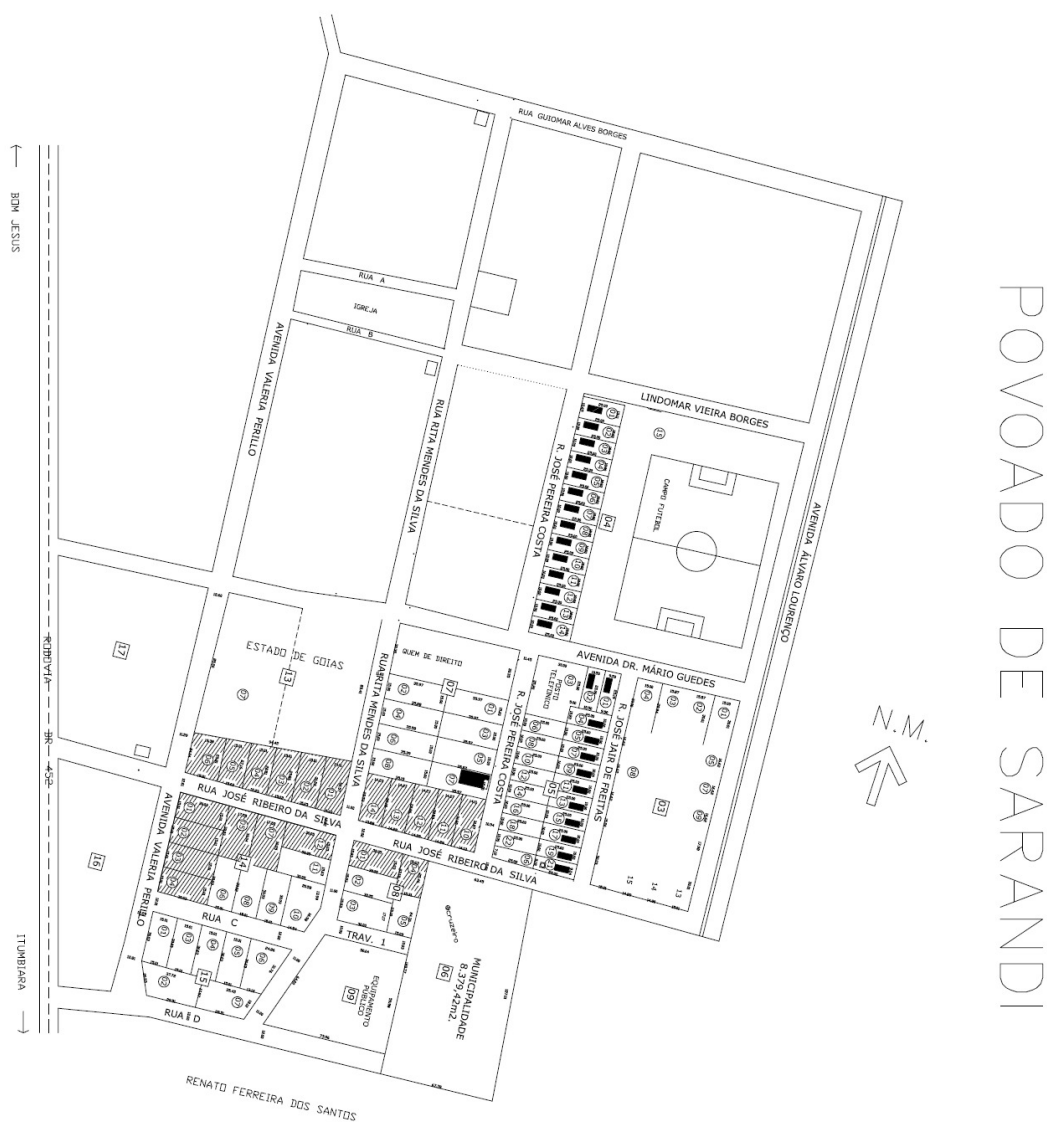


FIGURA 04: Mapa topográfico do Povoado do Sarandi (Acervo Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Itumbiara, (GO))

⁴⁶ SILVA, Márcio Ferreira da Silva, morador do povoado do Sarandi: depoimento [24/03/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Povoado do Sarandi, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

O povoado de Sarandi situa-se na zona rural, distante 12km da cidade, possui uma população de aproximadamente 600 habitantes, uma comunidade que existe há mais de 40 anos (a data de formação do povoado é divergente entre os moradores) tendo sempre experimentado características rurais, contando apenas com um pequeno posto de atendimento ambulatorial que, atualmente não funciona, uma unidade escolar de ensino fundamental (funcionava com as séries iniciais, porém foi fechada pela Secretaria Municipal de Educação, que achou inviável mantê-la. Na visão dos gestores, levar todas as crianças para a cidade geraria um custo menor, portanto todas as crianças, jovens e adolescentes, atualmente, estudam na cidade e são transportadas por Kombis da Secretaria Municipal de Educação)⁴⁷.

A população do povoado dispõe, ainda, de uma igrejinha em devoção a Santa Luzia, um bar (ainda não inaugurado), uma borracharia, uma pequena mercearia que abastece os fazendeiros da região, familiares dos presidiários que semanalmente fazem as visitas e as famílias que ali vivem. E de frente à mercearia há o campo de futebol, o único espaço destinado ao lazer na comunidade.

As famílias que moram no Sarandi basicamente vivem do trabalho rural e dos empregos gerados pela empresa PLANTAR que forma mudas de eucalipto para comercialização com outros estados. Antes da chegada do presídio, no povoado não havia asfalto e nem sequer infraestrutura adequada para a população. Apesar de ser uma comunidade com um espaço territorial pequeno, os prefeitos não se preocupavam em melhorar o local, e a chegada do presídio representou para algumas pessoas essa possibilidade.

⁴⁷ FREIRE, Nilson. Nilson Freire, ex-secretário de finanças da Gestão do antigo prefeito José Gomes da Rocha: depoimento [11/01/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Casa do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.



FIGURA 05: Foto Aérea do Povoado do Sarandi (Acervo Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Itumbiara, (GO))

No ano de 2009, a comunidade passou por um grande processo de transformação social. Na memória da população, até hoje fica a cena de ver os micro-ônibus cheios de presos adentrando o povoado e dirigindo-se para o presídio. “Nunca se viu tanta polícia aqui⁴⁸”. De acordo com a população local, antes da inauguração do presídio nem segurança tinha, nunca houve posto policial no povoado. Nesse processo investigativo, observa-se a necessidade de trilhar caminhos dos homens e mulheres que compartilham experiências sociais, como dizia Yara Khoury, vivendo e transformando modos de vida, identidades, vão se apropriando de valores e tradições, nas lutas cotidianas, alimentando e modificando sentimentos de pertencimento a um lugar, a um grupo, a uma memória, como vão criando referências culturais próprias e se apropriando de outras, e como essas experiências se fazem em meio a contradições e ambiguidades⁴⁹.

A chegada do presídio no povoado do Sarandi representou a possibilidade da realização de desejos, sonhos e anseios para os moradores.

⁴⁸ BATISTA, Maria Francisca. Maria Francisca Batista: depoimento [24/07/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Povoado do Sarandi: Casa da Entrevistada, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

⁴⁹ KHOURY, Yara. Aun. O Historiador, as Fontes Orais e a Escrita da História. p, 39, In: OUTRAS HISTÓRIAS: MEMÓRIAS E LINGUAGENS. São Paulo: Olho D'Água, 2006.

Embora a realidade pareça contraditória, grande parte da população aprovou a ideia em decorrência das promessas de melhoria que foram feitas na época, e que começariam a ser executadas primariamente pela chegada do asfalto na comunidade. A ideia era organizar o vilarejo para dar mais dignidade à população, e também para acolher a chegada do presídio, bem como dos familiares dos detentos que passariam agora a frequentar o povoado.

Lembro-me nesse momento de um trecho do texto de Célia Rocha Calvo, “quem lembra está interessado em dizer o que mudou, o porquê e como foi mudado e, dessa maneira, atribuir sentido às mudanças na vida social”.⁵⁰ Desse modo, as transformações no espaço físico, alterando as relações de sociabilidade começaram a ser feitas e as obras de melhorias, sobretudo em infraestrutura, foram acontecendo e a população logo viu que a chegada do presídio traria mais benefícios que prejuízos para o povoado. Márcio Ferreira descreve como a notícia foi assimilada entre os moradores:

MÁRCIO FERREIRA: Aqui no povoado, Márcio, sempre fomos muito discriminados pelos políticos de Itumbiara. Promessa era o que não faltava. Só pra você ter uma ideia, antes da chegada do presídio, nem asfalto nas ruas do povoado tinha. Era uma poeira terrível. E aqui o povo é muito simples, não precisou de muita coisa para que a população, de certa forma, aprovasse a chegada do presídio. Quando terminaram o asfalto, a população já estava satisfeita. Então, o fato de ter trazido o presídio pra cá, na realidade, significou possibilidades para que os moradores tivessem acesso a benefícios que antes não tinham. Aqui só vinham atrás do voto e esqueciam os problemas.

MÁRCIO: E por quais motivos não fizeram o asfalto antes?

MÁRCIO FERREIRA: Aqui sempre foi deixado de lado, e o engraçado é pensar que isso aqui já foi maior que Itumbiara. Na década de 1960, quem viajava do sudoeste para o sul do estado ou Minas Gerais passava no meio do Sarandi, aqui não tinha a BR-452, então o povo passava e parava aqui pra descansar. Tinha restaurante, hotel, bar, até casa de mulher, mas foi acabando, porque Itumbiara cresceu rapidamente e a BR tirou o movimento daqui. Hoje quem passa na rodovia desce chutado e nem olha mais pra cá. Aqui foi meio esquecido mesmo, eu ainda acho que as melhorias começaram a chegar, porque veio o presídio pra cá. Uma forma de acalmar o povo aqui que não queria aquele presídio na época.

MÁRCIO: E em que ano começaram a chegar as obras?

MÁRCIO FERREIRA: Foi um pouco antes da mudança do presídio pra cá. O próprio prefeito na época veio aqui e prometeu que chegaria o asfalto, mas que viria muito mais benefícios, algumas coisas ficaram na promessa⁵¹.

⁵⁰ CALVO, Célia Rocha. Narrativas Orais, Fontes para Investigação Histórica: Culturas, Memórias e Território da Cidade. História e Perspectiva, Uberlândia (42): p. 17, Jan. Jun. 2010.

⁵¹ SILVA, Márcio Ferreira da Silva, morador do povoado do Sarandi: depoimento [24/03/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Povoado do Sarandi, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

Tão logo a notícia de que a cadeia pública seria transferida para o novo prédio se espalhou pelo povoado, a Secretaria Municipal de Infraestrutura iniciou as obras. Primeiramente, segundo o Sr. Márcio Ferreira fizeram uma reunião com alguns moradores, poucas pessoas, para falar daquilo que seria feito, e logo começaram. Durante muito tempo, a maior reivindicação da comunidade do Sarandi era o asfaltamento, reclamavam da poeira e da desorganização nas ruas. Porém, antes do início das mudanças, foi preciso trocar toda rede de água.

Isso aqui ficou até engraçado, durante meses o povoado ficou cheio, virou uma bagunça. Diante das obras, o povo até esqueceu de presídio. Mas foi bom, nós tivemos o sentimento de que até que enfim estávamos sendo valorizados, poucas pessoas aqui são estudadas, e por isso, o pouco torna muito pra nós. Hoje você olha para o nosso Sarandi e pensa, nossa isso aqui era ruim demais hoje nós tá no paraíso. Mas ainda falta algumas coisas. Eu tenho vontade de mexer com política, justamente para tentar conseguir a execução dessas obras que ainda falta. Meu pai, por exemplo, aproveitou a construção do asfaltamento e reformou as duas casas dele, ou seja, ele aluga uma e ainda ganha um dinheirinho. E nós temos que lutar para melhorar aqui ainda mais, porque a maioria dos filhos de moradores daqui, casam e moram aqui. A vida desse povo é aqui, então a vinda do presídio pode ser falada de qualquer forma, criticada, condenada, mas o pouco que nós têm foi em razão da vinda desse presídio pra cá.⁵²

E durante o período de 2008 a 2009, o povoado foi sendo alterado, o sentimento era de que agora poderiam ter um pouco mais de dignidade, depois de tantos anos. A realidade social do povo que mora no Sarandi é uma realidade simples e, segundo o Sr. Márcio Ferreira, a alegria começou a tomar conta dos moradores, as ruas foram sendo rasgadas para construção de novas redes de água, foram sendo modificadas e logo a população foi tomando consciência das melhorias.

O sistema de abastecimento de água do povoado era extremamente precário. Para os moradores, realmente precisava ser modificado, por isso se preocuparam tanto em alterá-lo antes do asfaltamento, para evitar que, futuramente, fosse necessário escavar novamente as ruas. Esse foi um dos

⁵² SILVA, Márcio Ferreira da Silva, morador do povoado do Sarandi: depoimento [24/03/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Povoado do Sarandi, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa..

assuntos discutidos na primeira reunião com os moradores do povoado sobre as transformações que iriam acontecer.

Meu pai tava na reunião. Quando eles foram falar dessas obras, meu pai disse de cara: “Vão asfaltar e vão estragar tudo, nunca foi mexido na rede de água aqui, tudo que foi mexido foi feito no tapa, então vai dar problema, vocês precisa olhar isso direito.” Mas a ideia já era mexer mesmo na rede de água. Onde dava pra aproveitar aproveitou, onde não deu trocou tudo⁵³.



FIGURA 06: Reforma da Rede de Água no povoado do Sarandi, (Acervo DECOM – Departamento de Comunicação da Prefeitura Municipal de Itumbiara, (GO))

⁵³ SILVA, Márcio Ferreira da Silva, morador do povoado do Sarandi: depoimento [24/03/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Povoado do Sarandi, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.



FIGURA 07: Reforma da Rede de Água no povoado do Sarandi, (Acervo DECOM – Departamento de Comunicação da Prefeitura Municipal de Itumbiara, (GO))

Assim sendo, foi iniciada a obra de abertura das galerias para instalação de novos equipamentos de abastecimento de água. Foi a obra mais rápida e, tão logo foi concluída, deu-se início ao asfaltamento. Começaram no final de 2008, as ruas do povoado precisaram ser modificadas, pois, segundo a Secretaria de Planejamento, elas precisavam ter as mesmas medidas das ruas do perímetro urbano.

Eu me lembro que, na época, a prefeitura teve que mexer na estrutura das ruas. Depois de ter feito toda a reforma e ampliação da rede de água, foi preciso abrir mais as ruas, pois elas eram estreitas e não atendia à necessidade que passaria a existir no povoado. Por isso, foi feito abertura para que o fluxo de carros não ficasse tão prejudicado. As casas eram construídas com um espaço entre calçada e rua muito grande, então não foi complicado abrir as ruas e modificar tudo. Ficou muito bom, o povo aprovava as obras, e o povoado ficou com outra cara depois de tudo pronto.⁵⁴

⁵⁴ FREIRE, Nilson. Nilson Freire, ex-secretário de finanças da Gestão do antigo prefeito José Gomes da Rocha: depoimento [11/01/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Casa do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.



FIGURA 08: Asfaltamento do Povoado do Sarandi (Acervo DECOM – Departamento de Comunicação da Prefeitura Municipal de Itumbiara, (GO))

Embora afirme que o asfaltamento era um anseio antigo da população e que todos ficaram satisfeitos com a obra de infraestrutura, o Sr. Márcio Ferreira reclama que algumas promessas não foram cumpridas e que poderiam ter sido realizadas para atender às necessidades da população. Para ele, deveria haver melhoria no sistema de abastecimento de água, o povoado precisava do asfalto, mas precisava também, de um posto de saúde, de uma ambulância para servir a comunidade, precisava que a escola funcionasse para atender às crianças e jovens. Ele salienta que as questões de saúde e educação são questões sociais básicas que qualquer cidadão tem direito.

No povoado, não existe qualquer prestação de serviço na área da saúde, e o prédio da escola está desativado, portanto todo problema no povoado é tratado diretamente em Itumbiara, dificultando a vida das pessoas. Para o Sr. Márcio Ferreira, é necessário ter, no mínimo, um médico para atendimento na comunidade, a fim de que o povo não fique refém da cidade. Sem médico, o povoado esbarra em uma dificuldade muito grande na área da saúde, maior até que na área da educação, pois as mulheres gestantes têm que se deslocar para a cidade a fim de realizar o pré-natal. As pessoas que fazem acompanhamento médico periódico, da mesma forma, portanto consultas, exames, atendimento odontológico, nada é feito no povoado. Evidencia-se, assim, a falta de cuidado com a vida do povo.

O que mais me deixa chateado e acredito que tem mais gente aqui que pensa como eu é que vieram, fizeram o asfalto, arrumou a rede de água, mais deixou a gente esquecido. Hoje, praticamente a gente não vê ninguém de Itumbiara ligada ao prefeito aqui. As placas que existem aqui foram tudo promessa, e imagina que, na época que foi feito o asfaltamento, o prefeito acompanhou tudo de perto. Ficou aqui no meio do povo e o povo adorava. Ele prometeu um monte de coisa, falou que traria de volta a escola, que construiria uma clínica médica do mesmo jeito que ele fez nos bairros em Itumbiara, e até hoje nada. Nós sofremos muito com a maneira que somos tratados. O povoado melhorou, claro, mas tem coisa que ainda precisa demais de ser melhorada aqui. Por isso volto a te dizer, nós tinha que ter um representante na câmara municipal, daí iria olhar por nós. Esse é meu objetivo, tentar ser vereador para, pelo menos, tentar melhorar isso aqui ainda mais⁵⁵.

Abaixo as fotos mostram o período das obras de asfaltamento e o prefeito no meio do povo. Longe de uma análise imparcial ou inocente, as medidas estavam ligadas, diretamente, há um processo maior que seria a chegada do presídio. Portanto, foram adotadas para que se legitimasse o que seria “um novo espaço”, e utilizando de um populismo exacerbado exercia uma manipulação em cima dos sujeitos. Os relatos mostram que a legitimidade social foi feita de forma parcial, buscando justificar agora a presença dos presidiários.

⁵⁵ SILVA, Márcio Ferreira da Silva, morador do povoado do Sarandi: depoimento [24/03/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Povoado do Sarandi, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.



FIGURA 09: Asfaltamento do Povoado do Sarandi (Acervo DECOM – Departamento de Comunicação da Prefeitura Municipal de Itumbiara, (GO))

Diante das mudanças que ocorriam, os moradores foram ficando sem condições de questionar o trabalho que estava sendo executado. A maioria da população é composta de trabalhadores braçais que aderiram ao projeto junto com o prefeito na esperança de conseguirem mais alguns benefícios, ou ainda, acreditavam que o mesmo fosse investir na melhoria das condições de vida das famílias como, por exemplo, iniciar ou terminar a construção do posto de saúde e reorganizar a escola.

Todavia, o sonho tornou-se dívida. A demasiada demora na resposta, após o término das obras, acabou trazendo frustrações entre a maioria dos moradores. A deficiência na assistência médica e a falta de serviços básicos sociais de primeira necessidade continuam, até os dias atuais, a ser um dos principais problemas na comunidade. Segundo morador, no povoado, já houve casos e mais casos de pessoas que precisaram ser atendidas e que acabaram morrendo devido à demora no atendimento médico.

Aqui ou você corre pra cidade com algum carro que esteja por aqui, ou você morre. Já teve caso de um senhor, morador da casa pra baixo do Marcão da mercearia, ele passou mal e ficou esperando socorro, mas o cara estava infartado. Demoraram a levar ele pra cidade, porque não tinha condução aqui na hora, e acabou morrendo. Se tivesse algum enfermeiro, um médico, sei lá, talvez tivesse salvado a vida do senhor. Apesar de ser um problema sério, talvez se alguém tivesse socorrido o cara teria escapado. Eu sei que é uma hipótese⁵⁶, mas o fato é que aqui precisa de ser mais acolhido pelos políticos⁵⁶.

Após o asfaltamento de todo o povoado, iniciou o processo de reorganização do espaço do Sarandi, pois grande parte das residências não tinha calçada, então começaram as obras de construção das calçadas. Mesmo com todas as dificuldades, os entrevistados evidenciam que o desejo de melhorar o povoado foi maior. A experiência de conviver com a poeira, com a falta de estrutura, contribuiu para que muitos sujeitos encontrassem nas melhorias que aconteciam uma certeza de que as famílias da comunidade teriam uma condição de vida melhor.

Parte da população começou a aprovar o projeto de revitalização e ainda contribuiu com a própria mão de obra, fizeram uma parceria com os

⁵⁶ SILVA, Márcio Ferreira da Silva, morador do povoado do Sarandi: depoimento [24/03/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Povoado do Sarandi, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

trabalhadores da prefeitura municipal e começaram a fazer as calçadas. Como o povoado é pequeno, não foi muito difícil terminar a obra. A população se empenhou de forma espontânea e logo as casas já estavam sendo contempladas com a construção das calçadas, aproveitando o trabalho que estava sendo feito, deixavam na calçada um espaço para plantio de árvores.

Diante desse cenário, as transformações de sociabilidade estavam ocorrendo de maneira rápida. Diversas narrativas revelam a alegria do povo na revitalização do povoado, pois ali era o espaço deles, a vida deles, a história deles, e a ideia da chegada do presídio ia sendo superada como observa o Sr. Márcio Ferreira:

MÁRCIO FERREIRA: Esse povo aqui, Márcio, adora o povoado, ama essa vida aqui, todo mundo nasceu e foi criado aqui, imagina o tanto que era sofrimento pra todo mundo. Eu não acho que mudar o presídio pra cá tenha trazido algum tipo de problema. Apesar de ainda ter muita coisa pra ser feita, a cara daqui melhorou, eu sei que aqui mudou muito, as famílias dos presos vêm pra cá, fica aqui, mais muita coisa melhorou. Pergunta o próprio Marcão da mercearia pra você ver, foi tudo muito rápido, rapidinho eles melhoraram um monte de coisa. Eu não sou puxa-saco de político nenhum, mas melhorou. Ah, o Zé Gomes fez politicagem pra trazer o presídio, e daí? Esses presos são soltos e somem daqui, não traz problema. Olha nossas ruas como ficou depois que asfaltou. Fez as calçadas, arrumou a rede de água, olha o tanto que mudou e melhorou pra nós.

MÁRCIO: Você trabalhou nas obras?

MÁRCIO FERREIRA: Na época, eu não trabalhei, porque estava fazendo um curso em Itumbiara, mas todos aqui ajudaram. Claro! aqueles que tinham condição. Cada morador foi vendo o tanto que estava melhorando as casas e logo todo mundo tava ajudando.

MÁRCIO: E o presídio?

MÁRCIO FERREIRA: O presídio ainda não tinha chegado, estava pra ser inaugurado, porque ele foi inaugurado no final de 2009. Quando os presos vieram pra cá, aqui já tava arrumadinho, já tinha passado a bagunça então ficou mais fácil pra organizar. Quando o presídio inaugurou, nem polícia direito ali tinha, mas não teve problema não, nós nem reclamamos demais, porque estava terminando de arrumar o resto das obras.

MÁRCIO: E houve algum tipo de valorização aqui pra vocês depois de todas essas mudanças?

MÁRCIO FERREIRA: Só pra você ter uma ideia, eu comprei uma casa por 15 mil há algum tempo atrás e, mesmo com o presídio, hoje ela vale 28 mil, então de certa forma aqui melhorou muito pra nós.⁵⁷

⁵⁷ SILVA, Márcio Ferreira da Silva, morador do povoado do Sarandi: depoimento [24/03/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Povoado do Sarandi, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.



FIGURA 10: Construção das Calçadas no Povoado do Sarandi (Acervo DECOM – Departamento de Comunicação da Prefeitura Municipal de Itumbiara, (GO))

A revitalização e transformação do Sarandi foram empreendimentos realizados cotidianamente, durante praticamente o ano que antecedeu a chegada do presídio e, além de toda transformação do povoado, ainda existia algumas circunstâncias particulares de pessoas que não tinham moradia própria. Embora o espaço físico do povoado tenha sido construído por famílias que fixaram moradia ali há muitos anos, o crescimento familiar/populacional era uma realidade do vilarejo. E o problema da moradia consistia no fato de que muitas pessoas não tinham residência própria e também não tinham condição financeira para construir, o que corroborava para que um grande número de pessoas da mesma família se aglomerasse em uma só residência.

Considerando esse contexto, os filhos casavam e iam morar com os pais, as filhas da mesma forma. Assim, aproveitando a presença do prefeito na

época, presente na execução do trabalho de revitalização, foi feito um apelo para que se construíssem algumas casas para abrigar aqueles que não tinham condição de construir. Para um morador, essa promessa foi cumprida. Não da maneira que esperavam, mas foi cumprida. Através de parceria com o governo estadual foram construídas 30 residências no povoado em áreas públicas.

MÁRCIO FERREIRA: Outro problema sério que tinha aqui era de falta de casa, porque aqui ainda tem aquele jeitão antigo de roça onde os filho ou filha casa e vai morar com os pais, mais ai a família vai aumentando e as casa passa a não dar conta de abrigar mais o crescimento. Então, as casas precisava de ser feita.

MÁRCIO: E foram construídas quantas casas?

MÁRCIO FERREIRA: Foram construídas 30 casas, nem de longe foi o suficiente. Pra você ter uma idéia, meu irmão mora junto com o meu pai até hoje, e como ele, têm muitos aqui, mas falaram que não tinha mais área para construção. Mas deu uma melhorada a construção dessas casas. Muita gente pobre foi beneficiada e agora tem um canto pra morar.

MÁRCIO: E por que não aproveitaram os outros terrenos públicos e construíram casas já que não fizeram a clínica e a escola tá fechada?

MÁRCIO FERREIRA: Porque eles ficaram prometendo que iriam construir a clínica e arrumar a escola. Então, acabou que não fizeram nem uma coisa nem outra e tudo continuou do mesmo jeito. Mas de qualquer forma melhorou as coisas aqui pra nós. Hoje podemos colocar roupa no varal, podemos sentar em uma calçada, acabou aquela terra terrível que ficava aqui. Mas ainda temos esperança que vamos conseguir trazer um posto de saúde pra cá, pra ter um médico pra atender aqui. Esse ano é um ano bom pra isso, quem sabe, estou tentando organizar uma comissão pra irmos pedir isso pra o prefeito. Vamos ver.

MÁRCIO: E o que os moradores acham disso?

MÁRCIO FERREIRA: Alguns aprovam a ideia, outros ficam com receio, acham que não adianta, mas se nos unir, vamos conseguir mais coisas aqui sim. Eu fico pensando o tanto que isso aqui era ruim. Quando eu nasci, aqui você só via carroça, carro de boi, o povo de cavalo, hoje eu tô com 31 anos e olha o tanto de coisa que já melhorou aqui. Então nós têm que lutar. Os vereador também são nossos representantes, o prefeito tem que olhar pra cá. Até a chegada do presídio nós sofria demais, e acabou uma coisa trazendo outras coisa boa. Então nós têm que cobrar desse povo. Aqui podia fazer um campeonato, têm os time da zona rural. Então, tem que melhorar, e essa comissão pode ser um ponto de partida pra mais coisa que nós pode conseguir. O povo tem que entender isso, mais aqui é custoso, tem gente de tudo quanto é tipo, gente fácil de mexer, gente difícil. Então, vamos ver no que vai dar, mas eu ainda vou candidatar pra tentar melhorar a vida do povo aqui⁵⁸.

⁵⁸ SILVA, Márcio Ferreira da Silva, morador do povoado do Sarandi: depoimento [24/03/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Povoado do Sarandi, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.



FIGURA 11: Construção de 30 Casas Populares no Povoado do Sarandi (Acervo DECOM – Departamento de Comunicação da Prefeitura Municipal de Itumbiara, (GO))

Quando as casas começaram a ser construídas, todo o povoado já estava praticamente asfaltado, porém uma das preocupações foi organizar também as ruas onde elas se situavam. Portanto, após a conclusão total das 28 casas, o asfalto chegou também nas imediações das casas.

Com a finalização da construção das casas o povoado ganhou outra roupagem, as relações de sociabilidade foram alteradas e as melhorias foram significativas, deste modo, a organização na parte física ficou pronta e logo o descontentamento com a chegada do presídio acabou caindo no esquecimento, às atenções de toda comunidade se voltaram para as melhorias e consequente alteração na forma pela qual o povoado agora se estruturaria.



FIGURA 12: Asfaltamento nas ruas onde foram construídas 30 Casas Populares no Povoado do Sarandi (Acervo DECOM – Departamento de Comunicação da Prefeitura Municipal de Itumbiara, (GO))

A construção das casas foi o último trabalho, em termos de infraestrutura, executado pela prefeitura no povoado, as demais obras foram paralisadas e os moradores continuam à mercê do interesse público. A ideia que se criou na comunidade do Sarandi foi de que agora poderiam olhar para dentro do próprio povoado e vislumbrar melhorias significativas, mas ainda na memória de toda população fica a frustração por não terem terminado tudo aquilo que foi prometido.

Casa digna, infraestrutura social básica, entre outros direitos essenciais à dignidade humana, foram promessas que alguns moradores escutaram antes da chegada do presídio e que se constituíram um ponto de partida para as entrevistas. Mas ainda hoje, moradores cobram aquilo que foi deixado na promessa. O sentimento de decepção após todas as obras, hoje é uma realidade. Ficaram felizes com toda infraestrutura que chegou no povoado, porém conseguem ter a consciência de que as melhorias foram mais para maquiar a situação de chegada do presídio, e não para garantir dignidade à população no sentido estrito da palavra.

MÁRCIO: Após o término das obras qual foi a posição dos moradores do povoado?

MÁRCIO FERREIRA: Como eu já te disse, Márcio, o pouco aqui pra nós é muito. Todo mundo achou bom, gostou das melhorias, mas muita coisa deixou de ser feita. O que não significa dignidade completa. Hoje se alguém passa mal aqui, e se for grave morre. Os filhos têm que se dirigir pra Itumbiara para estudar. O povoado ficou muito bom, bonito, melhorou para o Marcão que tem o único comércio daqui. Então, algumas coisa ficou boa. Nossas ruas têm asfalto, as calçadas arrumadinhas, árvore plantadas, mas nós não sabe o que pode acontecer daqui pra frente. Nunca mais ouvimos nada a respeito das obras que lançaram. As placas estão lá enferrujando e as obras só no sonho.

MÁRCIO: Mais alguém já falou com o prefeito sobre isso?

MÁRCIO FERREIRA: Não sei, mas acredito que não. Isso não vai mudar muita coisa. Esse ano eles vão voltar aqui, daí é hora de falar umas coisa que precisa ser dita.

MÁRCIO: E se montar uma comissão e procurar ajuda na cidade?

MÁRCIO FERREIRA: Os vereadores não estão nem aí para nosso povoado. Aqui nossas conquistas foi com muito suor. Como já te disse, se esse presídio não vem pra cá, acredito que estaríamos até hoje na terra. Eles quiseram apenas nos iludir. O que nós mais precisou depois do asfalto, nós não têm, que é saúde e educação.⁵⁹

A reivindicação do Sr. Márcio Ferreira foi com relação às obras que ficaram apenas no projeto. Foram confeccionadas placas, descerradas com festa política e presença do governador, mas até hoje estão do mesmo jeito, ou seja, da mesma forma, apenas com as placas de inauguração. Trata-se de uma clínica que levaria atendimento básico de saúde para os moradores do local, uma nova escola já que a antiga foi fechada e um clube para o lazer da população. Essas obras não foram executadas, ficaram apenas nas promessas. Pouco antes da chegada do presídio, disseram que seriam

⁵⁹ SILVA, Márcio Ferreira da Silva, morador do povoado do Sarandi: depoimento [24/03/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Povoado do Sarandi, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

iniciadas e concluídas, o que na prática não aconteceu, sequer começaram a construção e o povo, até os dias atuais, sofre com a situação de descaso. Segundo o Sr. Márcio Ferreira, a euforia passou e hoje fica o sentimento de tristeza por não terem conseguido as obras prometidas.

Mesmo com toda infraestrutura, nós precisávamos da clínica aqui para o povo, eu fico pensando, uma coisa tão simples que poderia ser resolvida com vontade política e que hoje traz tanta tristeza. Penso que esse problema vai ser resolvido em breve, mas enquanto isso o que podemos fazer? Esperar? Reivindicar? O que queria mesmo era que o povo daqui reunisse uma comissão para representar o povo daqui junto aos políticos. Infelizmente, isso não acontece e temos que esperar a vontade dos governantes. Eu quero ver se um dia vamos conseguir pelo menos essa clínica. Esse é o maior sonho hoje da população daqui. Passou a vinda do presídio, passou, então nós queríamos mesmo era ser ouvido nessa área pra facilitar um pouco a nossa vida aqui.⁶⁰



FIGURA 13: Placa alusiva à construção da Clínica popular no povoado do Sarandi (Acervo pessoal do Sr. Márcio Kleicy Silva)

⁶⁰ SILVA, Márcio Ferreira da Silva, morador do povoado do Sarandi: depoimento [24/03/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Povoado do Sarandi, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.



FIGURA 14: Área destinada à construção da Clínica Popular no povoado do Sarandi (Acervo pessoal do Sr. Márcio Kleicy Silva)

As figuras 13 e 14 mostram a forma em que se encontra a área destinada à construção da clínica médica, apenas com a placa sem qualquer tipo de construção. Hoje, na memória das pessoas, já paira o sentimento de que o povoado melhorou em decorrência da transferência da cadeia pública para o presídio, e não simplesmente por fatores sociais, ou ainda, pelo prefeito na época ter pensado na população. Fica o sentimento de que poderiam ter melhorado ainda mais as condições do povoado. Em decorrência das obras inacabadas, atualmente, a população sofre sem atendimento básico de saúde e com a falta de uma escola para as crianças estudarem.



FIGURA 15: Placa alusiva à construção do novo Colégio Municipal no povoado do Sarandi (Acervo pessoal do Sr. Márcio Kleicy Silva)

A placa acima mostra mais uma vez a promessa de realização de uma obra de cunho social no povoado. Até os dias atuais, existe o prédio onde funcionou, durante anos, a escola que atendeu moradores de toda região e hoje se encontra fechada. Vale lembrar que, com o fechamento da antiga escola, prometeram construir um novo prédio para atender à demanda de famílias da região, o que na prática não aconteceu.



FIGURA 16: Terreno onde seria construído o novo Colégio Municipal no povoado do Sarandi (Acervo pessoal do Sr. Márcio Kleicy Silva)

Segundo narrativa de um morador, tanto a escola e a clínica médica foram mais uma das promessas que a população ouviu após a inauguração do presídio. Para ele, tudo não passou de politicagem, a ideia era melhorar o povoado para amenizar a situação devido à chegada do presídio.

Pra você ter uma ideia, Márcio, hoje nosso povoado, nem nos domingos, que é dia de jogo e aqui enche de gente, tem recebido a presença de políticos. Quando chegar época de eleição, começa tudo de novo. Na época, todo mundo achou bom, por quê? Porque melhorou tudo aqui, o prefeito veio e falou que faria um monte de melhorias pra nós, mais tudo ficou do jeito que terminou as construção das casas. Os funcionários foi embora, vieram aqui e fizeram festa com as placas, que viraram só placa mesmo. Não mudou nada. Então, nós acaba ficando refém do município. Daí quem chega em Itumbiara, tem que ir no CAIS, esperá o dia inteiro pra ser atendido e, se o problema for mais sério, daí que encaminha para o hospital municipal. Sem falar dos alunos que vão pra escola

de Kombi e pega a estrada todo dia, correndo perigo no trânsito. faltou empenho pra melhorar ainda mais nossa situação.⁶¹

Assim, mais que estudar o Bairro Afonso Pena e o Povoado do Sarandi etnograficamente, é necessário compreender a historicidade das relações vividas, buscando o sentido da orientação que trouxe o tempo e suas mudanças, e de como elas exprimem o sentimento dos sujeitos. Os desejos e expectativas dos moradores do povoado mudaram à medida que o tempo foi passando e, sobretudo, em decorrência das necessidades trazidas pela ausência de algumas melhorias básicas no espaço e através das circunstâncias que começaram a aparecer diariamente. Se antes, a ideia era melhorar o povoado, era ter um lugar digno, logo após a chegada do presídio, a realidade mostrou-se diferente, por algumas vezes adversa, contribuindo para que algumas divergências ocorressem nas condições de ter que conviver com o prédio onde abriga os detentos da antiga cadeia pública de Itumbiara e região.

No período em que realizei pesquisa de campo no povoado, foi normal observar, durante o dia, caseiros e trabalhadores das fazendas vizinhas se misturarem com a população local e reunirem-se embaixo de uma grande mangueira, na porta da única mercearia existente e ali ficarem horas discutindo alguns assuntos inerentes à realidade cultural que os acompanha. Geralmente, eles falam sobre animais, plantações, a próxima safra, a vida cotidiana de quem mora ali e também os problemas que assolam a comunidade. Às vezes, jogam uma partida de bilhar ou de damas, tomam uma dose da famosa pinga de engenho, volta e meia aqueles que ainda vão a cavalo, levantam-se, levam os cavalos para tomar água e comer, depois voltam para o papo debaixo da mangueira ou para distração do jogo.

⁶¹ SILVA, Márcio Ferreira da Silva, morador do povoado do Sarandi: depoimento [24/03/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Povoado do Sarandi, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.



FIGURA 17: Foto em frente à mercearia do Sr. Marcão onde as pessoas se aglomeram para conversar. (Acervo pessoal do Sr. Márcio Kleicy Silva)

Aproveitando a presença de algumas pessoas das fazendas vizinhas que vêm ao povoado, a população local às vezes participa do bate-papo também, mas esse é um fator não muito frequente, o natural é perceber as pessoas vindas das fazendas reunidas embaixo da árvore, pois estão fazendo suas compras na mercearia e, geralmente, ficam ali o dia todo conversando, observando e sabendo das notícias referentes ao povoado. Assim, durante anos, formou-se o cotidiano das pessoas no vilarejo, porém, desde 2009, apesar de ainda persistir o jeito simples de levar a vida da comunidade, muitas transformações ocorreram no dia a dia desses sujeitos em decorrência da inauguração do presídio regional.

Observa-se, logo na entrada do povoado, uma borracharia. Não sei por qual motivo ela sempre estava fechada nas oportunidades que estive fazendo o levantamento das fontes, perguntei ao Sr. Márcio Ferreira se ele sabia o motivo da borracharia estar sempre fechada ele respondeu:

O proprietário da borracharia é meu irmão, ele alugou um tempo, mas o cara não ganhava dinheiro e acabou fechando. Meu irmão continuou tocando a borracharia mais um tempo, mas não dava lucro nenhum. Às vezes, ele atendia um trator, ou um carro por semana, como no posto logo acima tem uma borracharia, o pessoal acha melhor levar lá. Eles passam correndo aqui na BR e acaba levando lá no posto, por isso ele fechou.⁶²

Essas atividades em comunidades rurais são vistas como ofício. Desse modo, o proprietário da borracharia, irmão do Sr. Márcio Ferreira, às vezes, ainda atende sempre que é solicitado em sua residência, mas não fica o dia todo mais trabalhando na borracharia, inclusive já arrumou emprego em outro local.

Entrando pela rua principal do Povoado de Sarandi, logo se nota um boteco, com apenas uma porta pequena de madeira. Trata-se de um estabelecimento precário, construído com placas de muro. Do lado de fora, dois bancos feitos com troncos de árvores, mostrando a rusticidade do local. Na parte interna, praticamente não existe nada além de algumas poucas cervejas, refrigerantes e pingas de várias qualidades. Entrei e pedi um copo d'água, fui atendido sem nenhuma palavra por parte da pessoa que ali estava.

Tentei colher relato sobre a pesquisa e não obtive sucesso, pois o atendente estava receoso, disse apenas que a venda de refrigerante aumentou bastante nos domingos e quintas-feiras, numa alusão ao fluxo de familiares dos presidiários. Apesar da conversa informal que tive, percebi que ele evitou falar qualquer coisa relacionada ao presídio, talvez por não acreditar que era uma pesquisa acadêmica.

Dirigi-me então para a única mercearia que abastece o povoado. De modo diferente do outro estabelecimento, é maior, com uma área na frente destinada ao bilhar, com quatro jogos de mesa de bar para as pessoas que quiserem fazer um lanche ou tomar uma cerveja, além de um telefone público

⁶² SILVA, Márcio Ferreira da Silva, morador do povoado do Sarandi: depoimento [24/03/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Povoado do Sarandi, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

para atender à comunidade. O proprietário Marcos Dias da Silva, apelidado por todos de Marcão, tem a mercearia há mais de 15 anos e não reclama da chegada do presídio na comunidade. Para ele, no sentido comercial foi extremamente benéfico, pois aumentou, significativamente, o fluxo de venda, tanto é que agora está construindo outro cômodo comercial no outro lado da rua, para a instalação de um bar, pois quer separar a parte de bebidas da seção de produtos alimentícios.



FIGURA 18: Foto da mercearia e do futuro estabelecimento do Sr. Marcão que será destinado à venda de bebidas. (Acervo pessoal do Sr. Márcio Kleicy Silva)

O Sr. Marcão, que é morador há mais de 20 anos do povoado, está investindo no comércio em decorrência dos clientes da zona rural que são sempre fiéis, comprando semanalmente e também pelo aumento no volume de vendas decorrente da chegada do presídio. As famílias adentram o povoado toda quinta-feira e domingo e, segundo o senhor Marcos, na quinta-feira geralmente as pessoas já levam a COBAL (Cesta Básica) pronta, as vendas

são menores, agora no domingo, os visitantes vão e ficam o dia todo, por isso há um grande volume de vendas. Vejamos:

MÁRCIO: Como o Senhor observou a chegada do Presídio aqui no Povoado?

MARCÃO: Pra mim, não mudou nada, não tive problema com ninguém, eu não tenho nada que reclamar, pelo contrário, melhorou muito pra mim, minhas venda aumentou. Pra você ter uma noção, dia de domingo é o dia em que eu abro mais cedo meu estabelecimento. Seis horas eu já abro e já tem gente querendo comprar as coisas aqui. As pessoas chegam muito cedo em decorrência da fila para entrar no presídio, tem turma que vem cedo outros vêm à tarde. Aqui tem gente até de Uberlândia, (MG), pra você ter uma noção teve um cara de Uberlândia que ficou preso aí e a família comprava as coisa aqui comigo, quando ele saiu, quis vir aqui pra me conhecer. Pega amizade com a gente, porque a gente acompanha muito tempo fornecendo as coisas. Mas eu não dou muita conversa também não, entrego as coisas e pronto, não fico rodeando conversa⁶³.

Na visão do Senhor Marcos, economicamente, a chegada do presídio foi muito positiva, por ser o dono da única mercearia da cidade, ele aproveitou a situação da vinda do presídio para o povoado a fim de incrementar o seu negócio. Ele é taxativo ao dizer que o volume de vendas aumentou significativamente. Inclusive tece uma crítica aos outros moradores, dizendo que não gostam de ver a felicidade e crescimento dos outros;

MÁRCIO: Senhor Marcos, mas algumas pessoas do povoado não concordam com a vinda do presídio, o senhor acha que não mudou nada, mas alguns criticam. Não existe uma divergência na maneira de analisar o fato, sobretudo, por parte de vocês que são os moradores?

MARCÃO: Marcão: Márcio, em todo lugar tem os pró e os contra, tem aquelas pessoas que não quer ver a felicidade de ninguém. O negócio é que nem eu falei, não tenho inimizade com ninguém, eu trato todo mundo bem desde que me trata, por exemplo, um agente chega aqui com arrogância, pra mim ele é um funcionário qualquer.

MÁRCIO: Já aconteceu isso aqui na sua mercearia?

MARCÃO: Sim, Agente Penitenciário chegou aqui achando que era o bam, bam, bam, achou que ia bater de frente comigo e não aceitei. Eu não desrespeitei ele, pra que ele vai fazer isso? O primeiro diretor aqui nós até desentendeu.

MÁRCIO: Era o Fidélis?

MARCÃO: Não, o Fidélis é gente boa demais, não lembro o nome mais acho que era Alfredo. Aqui era tranquilo, de tardezinha, agora não, tem muita gente, acabou, diminuiu um pouco por conta das roça que nessa época diminui. Mas o pessoal chegava, sentava, pegava uma Coca, ficava aqui ou ia lá para debaixo da árvore (mangueira na porta do estabelecimento onde fica um banco e tem uma sombra enorme), aí esse diretor chegou, pediu uma Coca, olhou pro povo que estava sentado embaixo da árvore e falou: “A primeira coisa que

⁶³ SILVA, Marcos Dias da. Marcos Dias da Silva: depoimento [30/12/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Povoado do Sarandi: Estabelecimento Comercial do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

quero fazer é prender todo mundo que está em pé ali.” Aí eu falei pra ele: “Mas o senhor vai prender por que? Pra prender o senhor tem que ter motivo, e outra coisa, o senhor não pode prender uma pessoa indiretamente, tem que ter divisão e permissão.” E ainda falei pra ele outra coisa: “O senhor quer saber o que é isso aqui, o senhor passa a saber lá na cidade. O senhor vê se tem uma ocorrência, um homicídio aqui. Talvez o senhor tá olhando isso aqui, isso aqui tudo é compro e pago. Se amanhã eu vê que isso aqui não dá mais eu fecho as porta e vou embora. O senhor entendeu? Não é por aí não.”⁶⁴

O Sr. Marcos defende claramente a população do povoado, sobretudo por se tratar de pessoas simples, na sua maioria gente trabalhadora, porém a maneira pela qual alguns analisavam a chegada do presídio era divergente, porque a oportunidade que ele teve não foi igual para todos. Assim, ao passo que algumas pessoas criticam veementemente a instalação do presídio, o senhor Marcos já achou positivo. Ele conseguiu associar o fluxo intenso dos familiares dos presidiários no povoado ao seu comércio, portanto conseguiu vantagens econômicas. No entanto, ele insiste na simplicidade das pessoas, vejamos:

MÁRCIO: Senhor Marcos, olhando ali para o banco embaixo da árvore vemos três senhores que estão conversando há mais de uma hora. Desde que cheguei aqui, já estavam ali. Isso demonstra a tranquilidade do povoado ou estão aguardando alguém, ou alguma coisa?

MARCÃO: Aqui é muito tranquilo, sossegado. Quando eu discuti com o antigo diretor foi por isso, ninguém aqui faz nada com ninguém, tanto que ele ficou sem graça e depois veio falar comigo. Pessoa arrogante aqui no povoado perde. Tem gente grande que vem aqui no presídio, vem aqui e a gente nem fica sabendo quem é. As pessoas bem-sucedida são sempre simples, você nem fica sabendo quem é. Aqui no povoado, arrogância pra quê? Isso não existe, aquele senhor, lá na árvore sentado, fica o dia todo, às vezes espera o pão chegá aqui de tarde, outra vez vai embora sem nada. Ali é assim o dia todo. Pra que arrogância com um velhinho daquele lá?⁶⁵

Outro questionamento da população e que também foi destacado pelo Sr. Marcos, é com relação à ação dos agentes penitenciários no povoado, para alguns moradores eles ficam na mercearia tomando refrigerante, mas alguns os acusam até de ingerir bebidas alcoólicas, de ficar grande tempo na mercearia e não cuidar de seus deveres no presídio. Curiosamente, no dia

⁶⁴ SILVA, Marcos Dias da. Marcos Dias da Silva: depoimento [30/12/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Povoado do Sarandi: Estabelecimento Comercial do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

⁶⁵ Ibidem.

02/01/2014 07 presos conseguiram fugir, mas a opinião do Sr. Marcos é divergente:

MÁRCIO: Os moradores reclamam muito dos agentes, dizem que, ao invés de proteger a população e fazer o trabalho direito no presídio, eles vêm pra sua mercearia, tomar coca, demorar muito tempo e não esquentam com o problema do presídio.

MARCÃO: É isso aí num cabe a mim divulgar, porque eles vem cá pega as Coca deles e vai embora, essa questão aí é uma questão, ocê sabe que a corrupção está em todo lugar, não tem como. Tô mentindo procê? O agente simplesmente é um funcionário aqui, ele não pode atuar aqui. Tanto é que o policial que fica no presídio não pode atuar aqui.⁶⁶

O depoimento do Sr. Marcos foi diferente de outros entrevistados, porém, na sua maioria, as pessoas não veem tantos problemas com a chegada do presídio. Vale ressaltar que, em um grupo social no qual a seletividade é precária, e a maioria pertence à mesma classe social, é extremamente complexa a posição que alguns assumem. Embora ele insista em dizer que, mesmo nos dias de visita no presídio os moradores locais não hesitam em frequentar sua mercearia, muitos, ao serem ouvidos, discordam dessa afirmação.

Assim, mantendo uma preocupação central com as alterações que ocorreram na vida das pessoas que moram no Sarandi, percebe-se, muito mais, uma dinâmica na sociabilidade e no espaço físico, sobretudo através da problemática investigada e gestada nos diálogos sobre o movimento histórico do povoado. A ideia inicial era fazer com que o povoado se expandisse, o prefeito na época, o Sr. José Gomes da Rocha, tinha a intenção de executar as obras, porém acabou não levando os projetos à frente.

MÁRCIO: Sr. Nilson Freire, quando o Presídio mudou-se para o Sarandi havia algum projeto sobre transformação na parte física do povoado? O prefeito abriu novos loteamentos? Havia projetos de conjuntos habitacionais em parceria com o Governo Estadual ou Federal?

NILSON FREIRE: Não, a única coisa que me lembro na época, foi com relação às trinta casas que foram construídas através do Cheque Moradia do Governo Estadual, mas as famílias beneficiadas foram cadastradas antes da ida do presídio para o povoado. Então, não acredito que tenha nenhuma relação. Agora o prefeito queria muito era construir um santuário de Santa Luzia, era ideia dele que as

⁶⁶ SILVA, Marcos Dias da. Marcos Dias da Silva: depoimento [30/12/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Povoado do Sarandi: Estabelecimento Comercial do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

peças saíssem da cidade de Itumbiara e fossem peregrinar lá. Mas isso não chegou nem a ser colocado no papel. Lá foi feito na época apenas asfalto em todo povoado, pintura de meio-fio, reformou a escola que hoje não funciona mais. Mas crescer mesmo o povoado o prefeito não se preocupava com isso. Agora foi doado uma área próximo ao Presídio para a empresa PLANTAR, isso foi até bom, porque se não estiver enganado os detentos prestam serviços para a empresa em troca de remissão.⁶⁷

Com relação ao aspecto físico do povoado, observando-o desde o período em que fui professor no presídio em 2010, não existem alterações significativas. Apenas uma ou outra reforma em alguma casa, as alterações feitas para abrigar o presídio continuam da mesma forma. As relações modificadas foram acentuadas nas questões de sociabilidade.

Observando as transformações que ocorriam a partir de 2009, quando da chegada do presídio, nota-se que o dono da mercearia foi melhorando a prestação de serviços às pessoas que passaram a frequentar a comunidade, inclusive percebeu que o fluxo aumentou gradativamente e, portanto, resolveu dividir o comércio com a finalidade de ter um resultado mais expressivo. Como as pessoas vão aos domingos assistir ao futebol, tomar cerveja, confraternizar, ele vai retirar o departamento de bebidas de seu estabelecimento principal, passando-o para o cômodo que construiu do outro lado da rua e, dessa maneira, não irá inibir a frequência das pessoas, bem como dos familiares dos presos, na Mercearia.

Dirigi-me à casa da D. Maria Francisca Batista, apelidada de Chiquinha, eu a conhecia havia dois anos, ia sempre à casa dela com um amigo entregar mercadorias para ela revender no povoado, o que de certa forma facilitou o acesso a ela e familiares. Conversamos um pouco sobre assuntos triviais e, posteriormente, tratamos do tema em questão, a presença do presídio. Comecei a entrevista e logo Chiquinha começou a mostrar o seu descontentamento:

MÁRCIO: Chiquinha no outro dia conversamos sobre o presídio e hoje retornei aqui, porque algumas questões ficaram meio contraditórias, alguns entrevistados disseram que não modificou em nada a vida no povoado com a vinda da prisão. Gostaria que

⁶⁷ FREIRE, Nilson. Nilson Freire, ex-secretário de finanças da Gestão do antigo prefeito José Gomes da Rocha: depoimento [11/01/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Casa do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

expusesse o que você acha e, na sua opinião, quais as razões de algumas pessoas dizerem que não mudou nada.

CHIQUEINHA: Como da outra vez, eu já te disse, eu acho que foi muito ruim pra nós, meu fio. Quem quer 260 bandido tirando o seu sossego? Não teve nenhum benefício, mesmo eles estando preso, qualquer hora pode acontecer qualquer coisa. Oia! dia 02 fugiu 07, pra num falar aqueles que são solto na porta do presídio quando vence a pena e fica andando aqui no povoado. Ocê lembra do fato que falei da bicicleta da minha neta?

MÁRCIO: Lembro.

CHIQUEINHA: Pois é foi muito ruim pra nós. E agora ninguém faz nada, fica os povo lá na Itumbiara sem vim aqui. Esquece que nós tá aqui, sem segurança, e o pior é que eles vêm pedi voto. Aquele amigo seu trouxe o tal de V. E. (Chiqueinha cita o nome de um vereador que foi eleito, preferi não colocar pra evitar algum tipo de problema para a entrevistada) aqui pedindo voto na época da eleição, depois nós foi pedi uma ajuda pra melhorá a segurança e o sem-vergonha falou pra todo mundo que o povo do Sarandi não votou nele, mas ele esqueceu que nem todo mundo vota aqui. Tá vendo meu fio, nós têm direito de nada, num é mancipado, o prefeito nem lembra que isso aqui existe e nós fica aqui sofrendo.

MÁRCIO: Já procuraram a polícia militar, ou outro departamento para ajudar vocês?

CHIQUEINHA: Ocê lembra que eu te disse da última vez? Outro dia virou um rolo perto da Igreja e nada da polícia aparecer. Aqui nós não têm posto policial, quando chama, a polícia demora quase duas hora para atender nós. Nós queria era que soltasse os preso donde eles foram preso, lá na cidade. Nós não têm nada com isso. Eles prendeu eles lá, então devia de soltar eles lá, não aqui pra fazer arruaça no povoado.⁶⁸

Chiqueinha mora há mais de 30 (trinta) anos no povoado. Sendo uma das moradoras mais antigas, sempre manteve relações sociais com toda a comunidade. Ela vendia enxovais, verduras produzidas no seu próprio quintal e porcos. O enxoval deixou de vender porque, segundo ela, foi roubada duas vezes. A casa é muito simples e não tem segurança, quebraram a porta duas vezes e levaram parte dos enxovais que ela vendia. Acabou desistindo do comércio informal, chamado por ela de “sacoleira.”

Ela enxerga o povoado como lugar bom pra se viver, sempre risonha, acredita que a chegada do presídio trouxe mais malefícios do que benefícios. No entanto, continua a vida normal na comunidade, mas teme pelas transformações que ocorreram. Não se abate e nem fala em mudar, mas alterou alguns hábitos em decorrência da gama de pessoas que passaram a adentrar o povoado semanalmente.

⁶⁸ BATISTA, Maria Francisca. Maria Francisca Batista: depoimento [30/12/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Povoado do Sarandi: Casa da Entrevistada, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

MÁRCIO: Você já teve algum tipo de problema com as pessoas que vêm visitar os presos no presídio?

CHIQUINHA: A única coisa esquisita é eles ficar andando pra lá e pra cá aqui dentro. Já vieram aqui em casa perguntar se eu vendia as coisas pra eles levar pra o povo deles lá dentro, mas eu evito isso. Meu fio, ocê já viu isso aqui na quinta-feira e no domingo? Cruz Ave-Maria! Ali na entrada do presídio, no fundo da igreja, tem um homem que mora lá, disse que nesses dias não tem sossego. Carro que vai, carro que vem, e ainda por cima, diz ele, que de noite escuta barulheira de carro direto, pra lá e pra cá. O sossego aqui acabou, eu nem ando na rua esses dias pra evitar a bagunça.

MÁRCIO: Mas aqui vocês tiveram algum problema com os presos?

CHIQUINHA: O problema, meu fio, não é tanto os preso, mas a família deles. A gente não conhece quem é, daí fica uma muvuca de gente. Na quinta-feira a fila vai longe lá na rua do presídio, é moto-táxi, é carro, é gente de todo tipo. No domingo, no Marcão, enche de gente, e ele agora está fazendo outro bar de frente, aí que vai encher de gente mesmo. O jogo dos homem no domingo já enchia, agora mistura com o povo que vem de fora. Nem perguntá pra nós sobre a construção desse trem, ninguém perguntou. Agora os político nem aqui vem, as polícia não adianta ligar, eu não vejo nada de bom nesse presídio aqui.

MÁRCIO: Mas o que você acha que deve ser feito para melhorar a segurança de vocês?

CHIQUINHA: Nós queria um posto policial aqui. Ficá ao menos uma polícia com carro aqui de dia e de noite. Acho que ia intimidá esse povo que sai do presídio. Esse povo não pode ficar aqui, tem que voltar pra cidade. Quando tá livre, eles não é obrigado a trabalhá? Tem que fiscalizá esse povo, e aqui não tem ninguém pra fazê isso. Oia, aqui a maioria não gostou.

MÁRCIO: Mas para o dono da mercearia foi bom ter vindo o presídio.

CHIQUINHA: Claro né, meu fio. Vem aqui domingo de madrugada pra ocê vê porque ele gostou. Fica cheio de gente lá na porta da venda dele. E é gente o dia inteiro, porque ele vende salgado, o povo não tem o que comer, depois de visitá as família no presídio, eles corre tudo pra lá. Pra ele foi bão, mas pra nós. Ocê viu que ele tá fazendo outro bar? Do lado de cá já fica cheio de gente tomando coca, cerveja, comendo e, agora com o bar, aí que vai encher de gente mesmo.⁶⁹

Percebe-se que há uma diferença na forma de analisar os fatos sobre a mudança do presídio, levando-nos a compreender a maneira pela qual as ações são retratadas e praticadas pelos sujeitos no presente, vivendo num determinado lugar, bairro ou cidade, nos espaços em que se configuram as relações sociais.

Chiquinha insiste em dizer que a segurança é um problema no povoado. Ela mesma diz evitar sair de casa às quintas-feiras e domingos, tem

⁶⁹ BATISTA, Maria Francisca. Maria Francisca Batista: depoimento [30/12/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Povoado do Sarandi: Casa da Entrevistada, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

o futebol que seu esposo ainda participa, pois gosta de assistir, mas ela prefere ficar em casa para evitar problemas.

Continuei andando pelo povoado, passei pelo posto de atendimento médico, também feito de placas de muro, situação precária. Outro estabelecimento ou órgão que sempre estava fechado. Para os moradores, em geral o atendimento ali é vergonhoso e, na verdade, nem existe, “de vez em quando aparece uma enfermeira aí, mas do que isso adianta? Ela não sabe nada, o recurso é ir pra cidade e esperá três horas no municipal (Hospital Local)⁷⁰”.

Percebe-se que há, no vilarejo, crianças nas ruas, o jeito simples de uma comunidade rural. No entanto, para alguns moradores, a paz experimentada durante anos e anos hoje dá lugar a um sentimento de medo e inquietude e, embora os laços de reciprocidade do cotidiano ainda sejam preservados, algumas mudanças ocorreram no dia a dia da população.

As pessoas falam sempre sobre a quinta-feira e o domingo, pois eles acham que o povoado se transforma, é quando as famílias dos presos ficam praticamente misturadas junto à comunidade, como se fossem moradores. Além dos familiares, aparecem pessoas de lugares distintos trazendo encomendas. Realmente, são de pessoas de vários locais, pude presenciar isso quando eu era professor no presídio. Na quinta-feira, a aula terminava mais cedo em decorrência do dia da COBAL, saíamos para fora do presídio e víamos uma multidão em fila esperando para fazer a entrega de roupas e alimentos.

No domingo, eu percebi o fluxo de pessoas através da visita ao povoado. Fiz questão de ficar a manhã toda e parte da tarde observando as pessoas. Prefiro ficar no campo de futebol, onde a multidão é grande e, realmente, o número de pessoas se multiplica. Muitos carros, muita gente, acaba que a população local não consegue observar quem realmente é de fora devido ao volume de pessoas que adentram a comunidade.

O senhor João Batista é esposo de Dona Maria Francisca (Chiquinha), trabalha como vaqueiro nas fazendas vizinhas ao povoado e vendendo porcos

⁷⁰ BATISTA, Maria Francisca. Maria Francisca Batista: depoimento [30/12/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Povoado do Sarandi: Casa da Entrevistada, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

que são criados no fundo de sua casa. Ele relembra claramente o dia em que o presídio foi inaugurado. Ele temia que a comunidade virasse um abrigo de marginais. Comenta sobre as mudanças que ocorreram, várias famílias compraram casa ou alugaram e foram ficando. A comunidade se transformou com a chegada de várias pessoas. Ele fala que ali todo mundo é amigo de todo mundo, todos se conhecem, agora após o presídio, é normal ver pessoas de todo lugar, aparece gente estranha praticamente todos os dias, vão fazer visitas ou levar alguma coisa. Ele reconhece que algumas coisas ficaram diferente na comunidade.

MÁRCIO: Senhor João Batista qual a principal dificuldade que vocês vêm enfrentando após a instalação do presídio aqui na comunidade?

JOÃO BATISTA: Quando era na cadeia da cidade, ficava preso ou albergado apenas os bandido de Itumbiara, (GO), quando veio aqui pra nosso meio trouxe bandido de tudo quanto é lugar, porque aqui eles fez regional. Tem gente de Goiânia, (GO), que comprou casa aqui, casa ruim, mais porque tem familiar preso aí, então eles compra casa ruim aqui por qualquer preço só pra acompanhá. Isso foi ruim pra nós, porque às vezes na família tem mais bandido e eles traz junto. Chega quinta e domingo, aqui vira uma bagunça da família dos presos. Agora eles estão mudando pra cá.

MÁRCIO: Mas o fato de estarem mudando pra cá não quer dizer que vão ficar aqui após o cumprimento da pena?

JOÃO BATISTA: Meu fio, ocê já parou pra pensar onde nós vive? Aqui é fácil demais pra eles. Pensa comigo, a BR passa na porta, Minas Gerais tá bem ali, aqui não tem polícia, ainda tem o albergado que eles têm que pagá, o que mais um bandido vai querer? (Senhor Batista deu uma grande gargalhada nesse momento) Quem sofre é nós que têm que aguentá isso aqui. A Chiquinha te contou da casa que eles montou pra esconder roubo de carga?

MÁRCIO: Contou.

JOÃO BATISTA: Pois é, um povo lá da Cachoeira. Pergunta se a polícia veio aí atormentá eles. Isso é muito custoso.

MÁRCIO: Mas aqui no povoado não tem muita opção de roubo, ou forma de eles exercerem a criminalidade.

JOÃO BATISTA: Aí que tá Márcio, eles roba lá e traz pra cá. Outro dia, tinha um cara de Bom Jesus que matou o pai e a mãe e tava aí, preso. Logo, virô cela livre e vinha no carro com os agente, no Marcão, buscar coca. É custoso, eles quer é vida mansa, vida boa, por isso fica aqui, porque aqui tem sossego, num tem polícia e eles rouba lá de noite e vem pra cá. Pra acabar de fica pior, tinha um agente levando os presos no camburão pra cidade, ele soltava os preso, os preso roubava, depois ele recolhia os preso e trazia de volta pra o presídio. Ele ganhava cem real na viagem, é muito besta mesmo.

MÁRCIO: Mas como descobriu o esquema?

JOÃO BATISTA: Eles falava que tava doente só no plantão do tal agente, o agente colocava todo mundo que tava doente no camburão, era sempre os mesmo, e eles ia pra cidade robá. Trazia todas mercadoria roubada pra o presídio e negociava com droga claro. Daí um dia, parece que a polícia civil desconfiou e seguiu o camburão e pegou todo mundo no flagrante (outra grande gargalhada nesse momento), prendeu o cara que tava levando, parece que foi pro

Cepaigo em Goiânia. Pra ocê vê o que é que pode acontecer num povoado desse tamanho. Ali tem de tudo.⁷¹

Na fala do Sr. João Batista, ficam explícitas as transformações de sociabilidade que ocorreram na comunidade. Quando ele enfatiza a regionalização do presídio e a vinda de familiares dos presos, mostra como o povoado foi sofrendo alterações e acaba por legitimar o que o próprio Marcos, dono da mercearia, afirmou em seu depoimento, espaço físico melhorou muito com a chegada do asfalto de algumas casas, porém as relações sociais cotidianas foram modificadas.

Apesar dessa mudança social na vida da comunidade, para o Sr. João Batista os hábitos cotidianos de anos de vida ali no povoado ainda persistem, por exemplo, aos sábados a maioria da população se reúne na igrejinha (a única do povoado), Padre Vítor celebra a missa e grande parte das pessoas participa. Os moradores têm uma devoção fervorosa com Santa Luzia, praticamente todas as casas possuem uma imagem da santa. No domingo, é dia de confraternização através do futebol, existe um campo na comunidade, que possui dois times, um de veteranos e outro amador. O campo, a mercearia e o futuro bar, que ficam praticamente juntos na mesma quadra, aos domingos, enchem de gente.

A tradição do futebol é antiga no povoado, todos gostam do momento, eu tive a oportunidade de presenciar, no domingo, a alegria dos moradores. Vão assistir ao jogo, gritam, comemoram em um estado de euforia total. É uma coisa extremamente interessante, todos ficam horas antes e horas depois do jogo ao redor do campo, embaixo das árvores, tomando cerveja, conversando, brincado, e com isso a mercearia do Marcão fica lotada e vendendo intensamente durante todo dia.

MÁRCIO: O senhor participa do jogo aos domingos?

JOÃO BATISTA: O futebol aqui é igual no Brasil, uma paixão. Mesmo com a chegada do presídio, nós não deixa de participar dos jogo no campo. Ali já teve namoro começando, gente se conhecendo, casal que começou o namoro ali no campo e chegou a casar. É um momento que todo mundo vai festá. Vem o povo das roça aqui do lado, traz as fia, os fio, todo mundo mistura. Esses anos tudo, nós já conhece todo mundo ali. Às vezes, vem gente de Itumbiara pra cá

⁷¹ BATISTA, João. João Batista: depoimento [24/07/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Povoado do Sarandi: Casa do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

nos dias do jogo, mas nem atrapalha. Ali vira tudo festa, nós toma uma cervejinha, come espetinho, quase todo domingo tem. Só vendo pra entender.

MÁRCIO: Eu já pude presenciar mesmo.

JOÃO BATISTA: Esse povão que vem no domingo frequentava aqui direto também na semana, mas acabou um pouco, porque passaram a ficar com medo dos presos. Quinta então, quase não vê o povo na rua, porque é dia da família vim pra cá trazer comida para os presos. No domingo, nosso futebol é sempre cedo, porque de tarde, a partir das duas horas, as famílias vêm outra vez pra fazer a tal da íntima. Daí nós faz de manhã pra não misturar com o povo que vem. Três horas da tarde, a maioria do povo que veio pro futebol já foi embora. Alguns ficam lá bebendo até tarde, mas não confio não, por isso a maioria vai embora.

MÁRCIO: Mas as pessoas que vêm de fora ficam no campo misturado com a população local?

JOÃO BATISTA: Olha, Márcio, ali não dá pra saber direito, porque fica cheio de gente, mas eu sei que depois das três, quando o povo da roça já voltou, a venda do Marcão ainda tem movimento. Agora não sei quem é, porque venho embora, senão a patroa fica braba.⁷²

Observando o relato do Sr. João Batista, nota-se que a comunidade possui uma cultura, laços que unem os sujeitos. Os hábitos cotidianos das pessoas não se perderam, tiveram que readaptar à nova forma de vida agora com o presídio. Eles ainda lutam para organizar uma comissão para ter mais voz nas decisões tomadas relativas ao povoado, porém a decisão de levar o presídio para o Sarandi foi tomada de forma arbitrária, não houve um consenso favorável à mudança da antiga cadeia para a comunidade rural. A população sempre acostumada a ter paz, a ter oportunidade de estabelecer relações familiares próximas, via-se diante de uma realidade totalmente diferente daquela vivida durante toda a sua história. Conforme nos mostra esse morador:

Eu trabalho no posto Alto da Serra (Posto de Combustível que situa-se a 02km do povoado) a mais de 05 anos, e nós nunca tinha sido assaltado ali. Depois que o presídio veio aqui pra nosso canto, tudo mudou, já fui assaltado ali três vezes no horário que eu trabalho. Os cara chega de máscara e não quer nem saber, ou a gente entrega o dinheiro ou morre, e é preso que saiu aí do presídio. Só não falo quem é, porque senão eu posso até morrer.⁷³

Insegurança e medo sempre foram palavras ouvidas em grande parte das entrevistas feitas na comunidade, sempre relacionados com a chegada do presídio. Alguns moradores viram-se obrigados a mudar, pois as autoridades

⁷² BATISTA, João. João Batista: depoimento [24/07/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Povoado do Sarandi: Casa do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

⁷³ SOUSA, Carlos Batista. Carlos Batista Sousa: depoimento [24/07/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Povoado do Sarandi: Casa do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

locais não se preocuparam com a segurança. Desde a inauguração, alguns moradores solicitaram a instalação de um posto da polícia militar no povoado, o que não aconteceu e, na ausência da segurança pública, algumas situações foram se tornando frequentes no cotidiano das pessoas, os próprios agentes penitenciários não respeitam a população. Para D. Chiquinha os agentes não estão cumprindo seu papel, que é estar presente coibindo possíveis indisciplinas da comunidade carcerária.

Meu fio, eles deveria de ajudá nós aqui, mas nem aqui não vêm, quando vêm vai ali no Marcão fica sentado, parecendo que estão esperando alguém, compra coca pra eles almoçar, não estão nem aí com o povo aqui. E quando tem que soltar um preso, solta aqui dentro. O que você acha que nós deve de fazer, meu fio? Não tem jeito, liga pra polícia, ela nunca vem, até uma casa aqui os bandido alugou pra servi pra guarda carga roubada. Quem alugou foi um povo da Cachoeira (alusão à cidade de Cachoeira Dourada, (GO), vizinha de Itumbiara, (GO)) então meu fio depois que esse presídio veio pra cá, acabou o sossego.⁷⁴

A verdade é que a vida da comunidade nunca mais foi a mesma, ainda existem os grupos que se reúnem embaixo da mangueira em frente ao mercadinho no fundo do campo de futebol, os caseiros ainda continuam a frequentar o povoado, a jogar bilhar, pertencem ainda ao cotidiano do povoado, mas agora evitam alguns dias em detrimento do grande fluxo de pessoas que começaram a frequentar a comunidade.

A decisão de construir o presídio na zona rural foi uma ação política. Naquele momento, qualquer reação que resultasse em uma tendência negativa seria de inteira responsabilidade do Poder Público, porém a necessidade trouxe consigo fios que se entrelaçaram em questões de cunho social. Ficaria cravada uma nova ordem entre afetos, histórias cotidianas, um sistema sumário da criminalidade. O bairro Afonso Pena continuou seu curso, a comunidade do Sarandi agora estabeleceria os vasos comunicantes que se resumem nos familiares dos detentos e na população local. Continuariam em uma mesma lógica, mas agora em outro sistema e em outro local.

Por ser situado na zona rural, o povoado do Sarandi, na visão das autoridades locais, promoveria maior segurança, bem como, daria mais

⁷⁴ BATISTA, Maria Francisca. Maria Francisca Batista: depoimento [24/07/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Povoado do Sarandi: Casa da Entrevistada, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

condições para que o preso pudesse cumprir a sua pena com dignidade. Na prática, isso ocorreu apenas pela estrutura física do prédio, mas muitos presos reclamam, diariamente, da alimentação e de outros fatores relacionados ao processo de ressocialização.

Pode-se dizer que a mudança social maior ocorreu no povoado do Sarandi, já que, no bairro Afonso Pena, os moradores puderam conviver de forma mais consciente com as transformações urbanas que ocorriam em toda cidade, logo houve apenas uma readaptação social na vida das pessoas do bairro. Em contrapartida, a vida dos familiares dos detentos sofreu grande ruptura, pois agora há um custo maior para acompanhar ou até mesmo ter notícias dos presos.

A transferência foi feita de maneira impositiva por parte do prefeito, o que a comunidade queria era que se fizesse o presídio mais distante da cidade, o que não quer dizer que deveria ser no povoado. Para um morador, tudo aconteceu de maneira arbitrária, queriam resolver um problema, mas não pensaram que estavam criando outro. Para ele, ninguém está nem aí para o pessoal que mora no vilarejo. Se alguém estivesse preocupado com a comunidade, no mínimo, teria perguntado se a criação de um presídio regional não traria problema para todos⁷⁵.

Para Gramsci, apesar da difusão de um pensamento hegemônico por determinada classe, as demais não equacionam tal pensamento com a consciência, ou seja, não reduzem sua consciência a tal pensamento. Gramsci efetivamente, procura estabelecer distinções para que se formulem os conceitos de domínio e hegemonia. As relações se formulam quando se estabelece uma coação direta que seja capaz de produzir forças sociais e culturais que legitimem os elementos que se formaram a partir da ação desses dois caminhos (domínio e hegemonia). Assim, podemos perceber que:

Gramsci estabeleceu uma distinção entre domínio e “hegemonia”. O “domínio” é expresso em formas diretamente políticas e tempos de crise, pela coação direta ou efetiva. Mas a situação mais normal é uma complexa combinação de forças políticas, sociais e culturais, e a hegemonia, de acordo com diferentes interpretações, é isso, ou as forças culturais ativas que são seus elementos necessários.⁷⁶

⁷⁵ BATISTA, João. João Batista: depoimento [24/07/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Povoado do Sarandi: Casa do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

⁷⁶ WILLIAMS, Raymond. Marxismo e Literatura, Ed. Zahar, p. 111.

O fato de ter sido instalado o presídio no povoado, acabou por promover um impacto na vida dos moradores. Eles queriam ter discutido a ideia com o prefeito, porque iriam exigir algumas melhorias.

Meu fio, eu só vi o prefeito aqui quando veio pedir voto. Nós não é emancipado, não têm valor, não tem voz, sofre demais. Aqui nunca teve droga, agora é normal ver as pessoas fumando essas narquia em qualquer esquina. Podia pelo menos ter ouvido nós, né. Olha o Sr....mora na rua que dá acesso ao presídio, diz ele que nem dorme de noite, porque é carro que vai é carro que vem de minuto em minuto. Ele não dá conta de dormir, aqui acabou o sossego e a paz, quando foi pra trazer os presos pra cá eu queria que fosse tudo conversado, porque nós vota, paga imposto, e do jeito que foi, veio de uma vez. No dia que eles trouxe os preso, foi tranquilo, nós pensou que seria tranquilo sempre, bobagem NE, fio? Hoje esses políticos nem aqui vêm e nós ficô com essa bomba na mão à força.⁷⁷

Um dos grandes anseios da população é a forma pela qual são tratados pelo poder público municipal. Existe um consenso entre os moradores de que eles não têm direito a nada e não possuem voz diante da atuação dos governantes. Uma das maiores provas foi quando visitei o posto ambulatorial, as condições são precárias, não há atendimento médico e alguns procedimentos são feitos por uma enfermeira. Isso quando ela aparece no povoado. Nenhum dos dias em que fiz a pesquisa, o postinho estava aberto, o que prova o descaso com a comunidade local.

Outro fator observado é que não existe posto policial algum, toda população fica à mercê de atendimento policial vindo de Itumbiara, o que quase sempre não acontece. Quando precisam de registrar alguma ocorrência, têm que se deslocar até à cidade, ou esperar a boa vontade da policia militar em atender a ocorrência. Para a maioria dos moradores, eles só são lembrados em época de campanha eleitoral. Nesse período, o povoado fica cheio com vários candidatos correndo atrás dos votos e fazendo mil promessas.

Nossa chateação é essa, meu fio, porque aqui é esquecido. Época de voto, todo mundo aparece e fica fazendo promessa. Prometeram emprego pra meu marido, prometeram fazer uma daquelas clínica popular, e olha o que acontece. Eu passei mal outro dia e o marido teve que correr comigo pra cidade. O atendimento no hospital já é

⁷⁷ BATISTA, Maria Francisca. Maria Francisca Batista: depoimento [24/07/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Povoado do Sarandi: Casa da Entrevistada, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

ruim, saí daqui ruim e demorei pra ser atendida. Se esse povo coloca um médico aqui, pra nós facilita, mas não se preocupam com nada. Segurança aqui é outro problema, nós viu uns home encarado aqui outro dia e ligamo do orelhão da venda do Marcão pra polícia. Sabe o que eles falou? Qual a prova de vocês contra eles? Daí eu falei, moço, eles estão bêbado, fazendo bagunça no povoado, e nós quer que vocês olha pelo menos quem eles é. O soldado disse que não podia fazer nada, tava sem viatura, monte de desculpa, depois tive notícia que eles foi preso na Itumbiara.⁷⁸

A comunidade sofre com o descaso e mantém um sentimento de esperança de que um dia vão ser mais valorizados. A forma pela qual são tolhidos de alguns serviços sociais básicos deixa toda população em constante alerta. Para se ter uma noção, quando alguém passa mal ou vai fazer algum tratamento, tem que ir para a cidade procurar atendimento no Hospital Municipal Modesto de Carvalho, o curioso é que não tem ambulância no povoado e nem todas as famílias possuem veículo, logo dependem de auxílio de amigos e familiares para conseguir locomoção até a cidade. Isso demonstra que não existe preocupação do poder público com a melhoria da vida das pessoas no povoado, e o sentimento de toda população é que servem apenas como eleitores, mas na prática não tem direito à cidadania.

Todavia essa análise possibilita a busca de um resgate na crença de que a luta e transformação social passam, no meu entendimento, pelas concepções de luta imbricadas nas constantes experiências sociais. A transferência acabou por significar apenas a transição da instituição de um local para outro, a mudança levou consigo problemas que já existiam na antiga cadeia e outros foram surgindo em detrimento do crescimento assustador da criminalidade.

O mundo da ordem faz parte do cotidiano estacional de homens e mulheres que lutam cotidianamente pela vida, em uma dinâmica de conflito diário assolados por um capitalismo cada dia mais agressivo, sujeitos que se rendem a uma arbitrariedade da lei buscando, cada dia, reagrupar-se dentro de uma classe social, ainda que de forma inconsciente. É nessa observação que é possível apreender mecanismos de uma gestão local de ordem que não se faz à margem da Lei e do Estado, como diria Thompson, uma economia moral

⁷⁸ BATISTA, Maria Francisca. Maria Francisca Batista: depoimento [24/07/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Povoado do Sarandi: Casa da Entrevistada, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

ativada nos campos de gravitação que se estruturam nesses pontos de fricção com as forças da ordem.

A mudança transformou a vida dos detentos, de seus familiares e também dos moradores do povoado do Sarandi, pois teriam agora que conviver com a proximidade, com a incerteza e insegurança de uma estrutura que abrigaria definitivamente um conjunto de pessoas que são vistas por algumas classes como marginalizadas.

Essa sociedade dividida em classes efetiva o curso formal dos sujeitos históricos que, com base em sua experiência cotidiana, constrói e reconstrói a sua prática social. A transição da antiga cadeia para o presídio regional foi muito mais uma busca de melhorias urbanas, não se pensou na vida dos detentos e muito menos dos familiares dos detentos.

É importante ressaltar que esses homens e mulheres fazem parte da história e da vida da cidade, imbricam relações de força através da busca por estratégias de sobrevivência. Embora os presos tenham apresentado um desvio de conduta, devem ser encarados como participantes do processo ativo da sociedade e, dentro desse processo ativo, os presos se configuram cotidianamente dentro de um sistema regulador, que priva a liberdade na busca de recuperar homens e mulheres para uma nova vida em sociedade.

Investigar, portanto, historicamente a forma pela qual os moradores do Povoado do Sarandi trilham suas vidas é mergulhar, pelas fontes orais, na memória desses sujeitos, compreendendo a produção e a confecção das suas vidas diante de uma realidade social tensionada por interesses hegemônicos. Os sujeitos vão construindo valores, expectativas e fomentando relações em busca de sobrevivência e através das lutas cotidianas vão construindo uma história de forma contraditória. Através da experiência foi possível exercitar e visualizar a complexidade da realidade histórica que se traduz nas relações sociais que se constituem na vida dos moradores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há várias maneiras de abordar uma temática dentro da história, acompanhamento de um tema, análise de um objeto de pesquisa, ou ainda uma discussão já debatida e desenvolvida por diversos intérpretes do corolário dessa ciência social fascinante, porém o importante é estabelecer uma simbiose com a leitura e interpretação analítica da pesquisa a que se propõe e, desse modo, interpretar de forma coerente até que se faça emergir questões sociais construídas em uma análise permeada no antes e depois do momento histórico em que se propõe estudar.

Estabelecer uma relação com a realidade de Itumbiara foi o caminho inicial, embora eu não seja filho da cidade procurei compreender o processo social vivido pelos moradores a partir de algumas transformações urbanas ocorridas na cidade, sobretudo na última década. E dentre essas mudanças, limitei minha pesquisa na compreensão do processo social vivido dentro do Bairro Afonso Pena, na zona urbana, e no povoado do Sarandi, na zona rural, a partir da transição da antiga cadeia pública para o presídio regional, quais os caminhos tomados por esses sujeitos e como se estabeleceram a partir da nova ordem social.

Desde o momento em que tive contato com os moradores de Itumbiara, com os quais dialoguei ao longo do presente trabalho, percebi que se tratava de pessoas que alimentavam o sentimento de identidade muito forte. Confesso que essa percepção ficou mais explícita na zona rural, no Sarandi, onde as pessoas são mais simples e, ainda, sonham constantemente em melhorar o povoado. Já em relação às pessoas que vivem na cidade, essa percepção se confirmaria à medida que narram suas experiências de vida, algumas repletas de saudosismo, remontadas por momentos em que sentimentos políticos pessoais foram mais importantes do que propriamente da coletividade. Como eles mesmos apontam, “nosso bairro é muito bom, aqui é bom demais de se viver⁷⁹”.

⁷⁹ RIBEIRO, Douglas Fabiano Cintra. Douglas Fabiano Cintra Ribeiro, morador do Bairro Afonso Pena: depoimento [09/04/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Casa do Entrevistado, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

Parti da análise das relações sociais estabelecidas entre os moradores de Itumbiara com o intuito de desmistificar a visão que alguns têm do que seria uma transformação social urbana não construída a partir de uma relação especificamente progressista, mas sim a partir de uma ideologia dominante. Tratei do papel das políticas públicas implementadas com o intuito de privilegiar um projeto político pessoal, no qual os interesses da comunidade nem sempre foram atendidos ou discutidos. Procurei demonstrar como, ao invés do que tanto se discute na modernidade sobre modificações urbanas, a saída da cadeia pública foi muito mais um projeto de cunho político do que propriamente interesses comuns entre os moradores do Bairro Afonso Pena e do povoado do Sarandi. Apesar de as narrativas mostrarem que o efeito da retirada da zona urbana foi benéfico, alguns sujeitos, sobretudo do povoado do Sarandi, reafirmam a ideia de que queriam ter sido ouvidos: “Apesar do povoado ter melhorado bastante, no mínimo teríamos que ter discutido sobre a vinda do presídio pra cá⁸⁰.”

Em meio a uma série de práticas sociais desenvolvidas cotidianamente, a vida dos moradores do Povoado do Sarandi, foi aquela que assumiu maior força nas narrativas produzidas. Nesse contexto, uma das grandes preocupações que tive no caminho até aqui foi não restringir as movimentações que protagonizaram o povoado desde a chegada do Presídio. Tive o cuidado para não negar aquilo que os entrevistados vieram apontando desde o início sobre a transição da cadeia pública da zona urbana para a zona rural, pois os sentimentos estabelecidos pelos dois lados foram divergentes. Às vezes, encontravam-se e, às vezes, distanciavam-se. O que fica claro é que os objetivos dos moradores do Sarandi foram um tanto diferente, pois foram contemplados com várias melhorias que vinham sendo solicitado há anos, fato este de diferente interpretação no que concerne ao bairro Afonso Pena na zona urbana, pois as transformações físicas foram em menor escala, transformando-se muito mais as relações de sociabilidade.

Esforcei-me, no sentido de não cair na descrição densa de que a prática social dos moradores do Sarandi seria premeditada por interesses

⁸⁰ SILVA, Márcio Ferreira da Silva, morador do povoado do Sarandi: depoimento [24/03/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Povoado do Sarandi, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

políticos, algo descolado das questões que os sujeitos experimentam atualmente, uma prática que se explicaria por se tratar de anseios sociais pertinentes à realidade local do povoado. Afinal, as transformações podem ter ocorrido através da chegada do presídio, porém fizeram com que os moradores se sentissem mais dignos.

De forma alguma, tive a intenção de dar mais ênfase aos moradores do Sarandi em detrimento dos moradores do bairro Afonso Pena, não se pode desconsiderar a forma pela qual os moradores do Bairro urbano narram sobre a retirada da cadeia pública da zona urbana: “A gente é feliz e muita coisa foi possível depois da saída da cadeia. Aqui hoje é mais sossegado, posso ir no Tizzo tomar minha cerveja sem dor de cabeça. O nosso bairro é bonito, e depois que a cadeia saiu e nossas ruas foram arrumadas todo mundo achou que melhorou⁸¹.” Para esse morador, a memória viva do antes e do agora é considerada presente no processo social local.

Considerando-se, as reflexões de E. P. Thompsons quando diz que “os homens e mulheres também retornam⁸²” dentro da experiência com valores, sentimentos, perdas. Preocupei-me em tentar perceber a força dessa movimentação ocorrida na vida dos sujeitos em termos de valores de seu próprio território, de sua própria vida, em que se entrelaçam sentimentos e lutas. Valores que não são, e nunca serão estáticos, mas que sobrevivem e dão vida através das movimentações constantes que se reformulam e dialogam com a práxis.

Contudo, apesar de inicialmente minha intenção ter sido estudar as práticas sociais dentro do Presídio Regional de Itumbiara, (GO), fui alertado por meu orientador sobre as intenções do trabalho, dos desafios, e o que seria possível a partir da relação estabelecida com os moradores. Desse modo, o povoado do Sarandi mereceu maior destaque em minhas análises, não por uma força ou insistência pessoal, mas por traduzir, no decorrer das entrevistas, algumas práticas mais importantes, assim o trabalho acabou seguindo naturalmente essa direção. Sei que algumas questões poderiam ter sido

⁸¹ RIBEIRO, Douglas Fabiano Cintra. Douglas Fabiano Cintra Ribeiro, morador do Bairro Afonso Pena: depoimento [09/04/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Casa do Entrevistado, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

⁸² THOMPSON, E. P. *Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 182.

melhor exploradas através de alguns desdobramentos e posicionamentos, como as questões de sociabilidade do Bairro Afonso Pena, porém procurei estabelecer a importância da retirada da cadeia do espaço urbano, qual a representatividade e como os moradores encararam a ideia.

Acredito que o presente trabalho contribua para uma melhor problematização de uma situação que antes nunca havia sido tema de reflexão. Às vezes, preocupam-se com grandes fatos, alguns até pré-estabelecidos, que colocam os sujeitos em uma redoma para explicar mecanicamente algumas reflexões ante a sociedade e acabam esquecendo-se da vida, das lutas, responsáveis por dar sentido à história.

Trabalhar com os moradores de Itumbiara, sobretudo com as pessoas simples do povoado do Sarandi, fez com que eu observasse e crescesse frente aos desafios de um mundo melhor, ajudou-me a ver a vida através de uma experiência simples e grandiosa. As relações sociais são muito melhor trabalhadas quando se tem uma memória de como ela se constituiu e o quanto é importante para si mesmo é o que se observa constantemente, na vida dos moradores do povoado na zona rural.

Através do conjunto de fontes e documentos reunidos na pesquisa e discutidos ao longo do trabalho, espero ter conseguido acompanhar as movimentações dos moradores tanto do bairro Afonso Pena quanto do povoado do Sarandi. Trabalhar com questões inerentes à cidade de Itumbiara foi um desafio, porém poder ter acompanhado parte das transformações urbanas ocorridas auxiliou-me e o caminho acabou sendo diferente e, ao mesmo tempo, gratificante.

Apesar de ser morador há pouco tempo de Itumbiara, o que mais se nota entre a comunidade local é o sentimento de bairrismo, apesar dos desafios, de ser uma cidade que, cotidianamente, confronta-se com problemas de criminalidade e não ter apenas sentidos harmônicos, constrói-se como promissora em meio às relações de desigualdade instituídas pela diversidade populacional e pela gama de imigrantes que compõem os diversos grupos sociais.

Dado o exposto, Itumbiara (GO) caracteriza-se atualmente como uma das cidades goianas promissoras, que experimentou nas últimas décadas uma

transformação urbana típica de uma cidade onde o processo industrial é tardio. A ideia de progresso não se sustenta perante as desigualdades, mas as narrativas traduzem aquilo que seria “minha vida, a nossa vida⁸³.” Os relatos e práticas expressadas no trabalho traduzem as condições dos sujeitos com compartilhamentos que vivem espalhados pela cidade com realidades distintas e que, por tantas vezes, vive sem reconhecimento e respeito.

⁸³ RIBEIRO, Douglas Fabiano Cintra. Douglas Fabiano Cintra Ribeiro, morador do Bairro Afonso Pena: depoimento [09/04/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Casa do Entrevistado, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

FONTES

ENTREVISTAS

BATISTA, Maria Francisca. Maria Francisca Batista: depoimento [24/07/2013] e [30/12/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Povoado do Sarandi: Casa da Entrevistada, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa

BATISTA, João. João Batista: depoimento [24/07/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Povoado do Sarandi: Casa do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

OLIVEIRA, Carlos Roberto de. Carlos Roberto de Oliveira, morador do Bairro Afonso Pena: depoimento [06/04/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Casa do Entrevistado, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

FREIRE, Nilson. Nilson Freire, ex-secretário de finanças da Gestão do antigo prefeito José Gomes da Rocha: depoimento [31/10/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy. Itumbiara: Casa do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa

I.F., Detento do Presídio Regional do Sarandi: depoimento [25/07/2012]. Entrevistador: Márcio Kleicy. Itumbiara: Presídio Regional, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

LELES, Evaldo de Souza. Evaldo de Souza Leles, morador do bairro Afonso Pena: depoimento [27/03/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy. Itumbiara: Casa do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

N.B.S, mãe de um detendo do Presídio Regional do Sarandi: depoimento [31/01/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy. Itumbiara: Presídio Regional, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

RIBEIRO, Douglas Fabiano Cintra. Douglas Fabiano Cintra Ribeiro, morador do Bairro Afonso Pena: depoimento [09/04/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Casa do Entrevistado, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

Relatório emitido pela Direção do Presídio Regional de Itumbiara, (GO). Depoimento: [25/07/2012]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Povoado do Sarandi: Presídio Regional, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa

R. S. P. J. Detento do Presídio Regional do Sarandi: depoimento [04/08/2012]. Entrevistador: Márcio Kleicy. Itumbiara: Presídio Regional, 2012. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa

SILVA, Márcio Ferreira da Silva, morador do povoado do Sarandi: depoimento [24/03/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Povoado do Sarandi, 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

SILVA, Marcos Dias da. Marcos Dias da Silva: depoimento [30/12/2013]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Povoado do Sarandi: Estabelecimento Comercial do Entrevistado, 2013. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.

TEODORO, Ronigalbas. Ronigalbas Teodoro, Subtenente da Polícia Militar de Itumbiara, (GO): depoimento [16/04/2014]. Entrevistador: Márcio Kleicy Silva. Itumbiara: Destacamento da Polícia Militar de Itumbiara, (GO), 2014. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa.⁸⁴

PERIÓDICOS

FOLHA DE NOTÍCIAS, Itumbiara, 2008-2012. Exemplares avulsos.

FONTES EM MEIO ELETRÔNICO

<http://al-go.jusbrasil.com.br/noticias/1045749/presidio-de-itumbiara-deve-ser-inaugurado-em-junho>. Acesso em: agosto 2013.

<http://serpolicialegal.blogspot.com.br/2009/09/motim-em-cadeia-publica-de-itumbarago.html>. Acesso em: agosto 2013.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u627461.shtml>. Acesso em: agosto 2013.

http://www.goiasnet.com/ultimas/ult_report.php?cod=412454. Acesso em: agosto 2013.

<http://www.assembleia.go.gov.br/noticias/ver/id/59696/tipo/gabinete>. Acesso em: agosto 2013.

⁸⁴ Entre as experiências relatadas pelos presos e outras pessoas envolvidas diretamente no Presídio Regional de Itumbiara, (GO), algumas aparecem apenas com as iniciais de seus respectivos nomes. Infelizmente essa foi a condição de alguns para que concedessem entrevista ao projeto de pesquisa.

<http://www.goiasinterior.com.br/?PID=80-dos-assaltos-e-roubos-sao-praticados-por-reincidentes>. Acesso em: agosto 2013.

http://www.seplan.go.gov.br/sepin/goias.asp?id_cad=6000. Acesso em: agosto 2013.

FIGURAS

Figura 01: Foto da Antiga Cadeia Pública de Itumbiara, (GO).

Figura 02: Local que abrigava a Antiga Cadeia Pública após a demolição.

Figura 03: Novo prédio do SESC, construído na área da Antiga Cadeia Pública.

Figura 04: Mapa topográfico do Povoado do Sarandi.

Figura 05: Foto Aérea do Povoado do Sarandi.

Figura 06: Reforma da Rede de Água no povoado do Sarandi.

Figura 07: Reforma da Rede de Água no povoado do Sarandi,

Figura 08: Asfaltamento do Povoado do Sarandi

Figura 09: Asfaltamento do Povoado do Sarandi

Figura 10: Construção de Calçadas no Povoado do Sarandi

Figura 11: Construção de 30 casas populares no Povoado do Sarandi

Figura 12: Asfaltamento das ruas onde foram construídas as 30 casas populares

Figura 13: Placa alusiva à construção da Clínica popular no povoado do Sarandi

Figura 14: Área destinada à construção da Clínica Popular no povoado do Sarandi

Figura 15: Placa alusiva à construção do novo Colégio Municipal no povoado do Sarandi

Figura 16: Terreno onde seria construído o novo Colégio Municipal no povoado do Sarandi

Figura 17: Foto em frente à mercearia do Sr. Marcão onde as pessoas se aglomeram para conversar.

Figura 18: Foto da mercearia e do futuro estabelecimento do Sr. Marcão que será destinado à venda de bebidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANCHES, Sérgio. **Política Social e Combate à Pobreza**. São Paulo: Zahar, 1987.

AZEVEDO, José Eduardo. **A Penitenciária do Estado. Análise das Relações de Poder na Prisão**. Campinas, (SP),: [s. n.], 1997.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CALVO, Célia Rocha. **Narrativas Orais, Fontes para Investigação Histórica: Culturas, Memórias e Território da Cidade**. História e Perspectiva, Uberlândia (42): p. 20, Jan. Jun. 2010.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **As encruzilhadas do labirinto II: os domínios do homem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

COUTO, Ana Magna Silva. **Os Catadores de Papel, Práticas e Intervenções na Cidade: Uberlândia, 1970/1997**. Monografia de conclusão de graduação em História. UFU, 1997,

FENELON, Dea Ribeiro. “Introdução”. In: **Cidades: Pesquisas em História. Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP**, coletânea. São Paulo: Educ, 1999, Pg. 07. APUD: CALVO, Célia Rocha. Narrativas Orais, Fontes para Investigação Histórica: Culturas, Memórias e Território da Cidade. História e Perspectiva, Uberlândia (42): p. 20-21, Jan. Jun. 2010.

FONTANA, Josep. **A história dos homens**. Bauru-SP: EDUSC, 2004.

FREITAS, Sheille Soares De. **Por Falar em Culturas...: Histórias que marcam a cidade**. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/1402>. Acessado em set. 2013.

KHOURY, Yara Aun et al. **Narrativas orais na investigação da história social.** *Projeto História*, São Paulo. Nº. 22, Jun/2001, Pg. 80. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10731/7963>. Acesso em set. 2013.

MACIEL, Laura Antunes.; ALMEIDA, Paulo Roberto; KHOURY, Yara. Aun. (orgs). **MUITAS MEMÓRIAS, OUTRAS HISTÓRIAS.** São Paulo: Olho D'Água, 2004.

MAIA, Clarissa Nunes...(et. al.) **História das Prisões no Brasil. Vol. I.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

———. **História das Prisões no Brasil. Vol. II.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MARX, Karl. **O Capital**; trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1983. APUD: FERNANDES, Newton; FERNANDES, Valter. **Criminologia Integrada.** 2ª ed.rev. atual e ampl. p. 281, São Paulo: Editora dos Tribunais, 2002.

PAIXÃO, Antônio Luiz. **Recuperar ou Punir? Como o estado trata o criminoso.** São Paulo: Cortez, 1987.

PORTELLI, Alessandro. **O Que Faz a História Oral Diferente.** Revista Projeto História, nº 14. São Paulo, fevereiro de 1997.

———. **História oral como gênero.** *Projeto História*, São Paulo, n. 22, p. 9-36, jun./2001.

———. **“Forma e Significado na História Oral”:** A Pesquisa como um experimento em igualdade. In: Revista Projeto História: PUC-SP. São Paulo. nº 14, 1997, p. 23. In: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11231/8239>. Acesso em: março. 2014

———. **O Momento da Minha Vida: Funções do Tempo na História Oral.”** In: **Muitas Memórias, Outras Histórias.** FENELON, D.; MACIEL, L. A.; ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A. (orgs). São Paulo: Olho D'Água, 2004.

———. **A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais.** *Tempo*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 8-9, Dez./1996.

Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-3.pdf>.
Acesso em: set. 2013.

SARLO, Beatriz. **Tempos Presentes. Notas Sobre a Mudança de Uma Cultura**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2003.

_____, Beatriz. Paisagens Imaginárias. São Paulo: EDUSP, 1997

SOARES, Luiz Eduardo, SENTO-SÉ, João Trajano. Estado e segurança pública no Rio de Janeiro: dilemas de um aprendizado difícil in **Reforma do Estado e Proteção Social: os setores de saúde e segurança pública no Rio de Janeiro**. Instituto de Economia da UFRJ. Rio de Janeiro, 2000.

SOUSA, A. C. M.. Os parceiros do Rio Bonito. São Paulo: Duas Cidades, 1987.
(p. 57-65, grifo do autor).

THOMPSON, E. P. As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos. Organizado por Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2001.

_____. Edward P. A Miséria da Teoria: Ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, Trad.: Waltensir Dutra.

VASCONCELOS, Ruth. O Enfrentamento da Violência na Atualidade: O Lugar da Democracia na construção de movimentos de pacificação da sociedade brasileira, in: Educação e Movimentos Sociais: Novos Olhares, p. 205, 2ª Edição, Editora Alínea.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo e Literatura, Ed. Zahar,